

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
DEPARTAMENTO DE ARTE
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

ANDRÉ FARIAS TAVARES DE CAMPOS

**COLETIVOS ANTIFASCISTAS DE FUTEBOL E SEUS SENTIDOS DE
FASCISMO E ANTIFASCISMO: UMA ANÁLISE SOBRE BOTAFOGO, FLAMENGO E
FLUMINENSE ANTIFASCISTAS**

NITERÓI

2020

ANDRÉ FARIAS TAVARES DE CAMPOS

**COLETIVOS ANTIFASCISTAS DE FUTEBOL E SEUS SENTIDOS DE
FASCISMO E ANTIFASCISMO: UMA ANÁLISE SOBRE BOTAFOGO, FLAMENGO E
FLUMINENSE ANTIFASCISTAS**

Monografia apresentada junto ao Curso de Graduação de Produção Cultural, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel, orientada pelo Prof. Dr. João Luiz Pereira Domingues.

NITERÓI

2020

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

C198c Campos, André Farias Tavares de
Coletivos antifascistas de futebol e seus sentidos de
fascismo e antifascismo: uma análise sobre Botafogo, Flamengo
e Fluminense Antifascistas / André Farias Tavares de Campos ;
João Luiz Pereira Domingues, orientador. Niterói, 2020.
53 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção
Cultural)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e
Comunicação Social, Niterói, 2020.

1. Futebol. 2. Política. 3. Fascismo. 4. Produção
intelectual. I. Domingues, João Luiz Pereira, orientador. II.
Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e
Comunicação Social. III. Título.

CDD -



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO
CULTURAL

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao primeiro dia do mês de Dezembro de 2020, às dez horas, realizou-se de forma remota (online), excepcionalmente, em conformidade com a Decisão N°. 100/2020 de 21/05/2020, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Fluminense, a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado “**Coletivos antifascistas de futebol e seus sentidos de fascismo e antifascismo: uma análise sobre Botafogo, Flamengo e Fluminense Antifascistas**”, apresentado por **André Farias Tavares de Campos**, matrícula 214033059, sob orientação do(a) Prof(a). Prof. Dr. João Luiz Pereira Domingues

A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

- 1º Membro (Orientador(a)/Presidente): Prof. Dr. João Luiz Pereira Domingues
- 2º Membro: Me. Kyoma Silva Oliveira
- 3º Membro: Prof. Dr. Alexandre Bárbara Soares

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

Aprovado

Reprovado

Com nota final após arguição:

10.0 (dez)

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:

Presidente da Banca

AGRADECIMENTOS

Gostaria inicialmente de agradecer à Universidade Federal Fluminense, ao curso de Produção Cultural e ao ensino público brasileiro que possibilitaram meus estudos durante esses anos. Que continuem abrindo as portas à toda população brasileira. Por uma educação pública universal, gratuita e de qualidade. Nosso bem maior é a educação.

Agradeço ao meu orientador João Luiz Pereira Domingues pelo apoio durante este trabalho, pelas vezes que guiou a minha pesquisa e auxiliou no fôlego. No momento em que pensei em pesquisar um tema relacionado a futebol e política soube que era a orientação certa. Obrigado também aos professores Alexandre Bárbara Soares e Kyoma Silva Oliveira, componentes da banca avaliadora. Às pessoas ímpares que tive a oportunidade de conhecer ao longo desses anos na vida universitária. Amizades que foram muito importantes durante esta jornada, às quais eu sempre serei grato e desejarei o maior sucesso. Obrigado a Aline Operti, Beatriz Costa, Beatriz Fernandes, Carol Lima, Julia Camacho, Tainá Martins, Victor Hugo e Yasmin Lucchesi.

Igualmente preciso agradecer à minha irmã Luiza por ser minha melhor amiga em todos os momentos e por toda a nossa força, juntos, ao longo dos desafios da vida. Tudo sempre caminha. À minha mãe e ao meu pai por todo o suporte até aqui. À minha tia Cláudia pelo apoio com a pesquisa. Obrigado a Jesebel, minha terapeuta, que possui um papel fundamental em meu desenvolvimento e nos meus exercícios de compreensão pessoal e da vida.

Por fim, agradeço aos entrevistados que se dispuseram a contribuir com seus relatos. Agradeço simbolicamente a todos os coletivos e movimentos de resistência social e política, seja no futebol ou não, que tentam fazer da sociedade um lugar mais justo e democrático. Obrigado à Talita Estrella e Morgana Kropf, muito importantes desde o início da minha atual jornada profissional. E não posso deixar de dizer obrigado a pessoas insubstituíveis que, por sorte, conheci graças aos encontros da vida. Me deram ouvidos e ânimo durante este processo de escrita. Muito obrigado a Marina Mangini, Caique Oliveira, Gabriel Rocha, Miguel Arcaño, Maria Clara, Guilherme Moita, Robson Moraes, Carlos Eduardo Paes, Débora Baroni, Julia Arouca, Luiza Arouca e Pedro Eugênio. Cada uma delas, com sua importância e lugar, esteve e está presente em minha vida. Acredito que a vida seja feita de histórias, por isso não conseguirei contar as minhas narrativas sem lembrar de todas essas personagens. Obrigado.

RESUMO

No presente trabalho procurei analisar os coletivos Botafogo, Flamengo e Fluminense Antifascistas através de relatos de membros integrantes para compreender suas identidades torcedoras e os sentidos de antifascismo e fascismo que existem em suas narrativas. Para a realização desta monografia fiz três entrevistas ao todo, com um membro de cada grupo, para colher relatos de suas vivências e práticas. Além disso, realizei um estudo bibliográfico dentro do campo do futebol, movimentos de resistência e fascismo e antifascismo. A partir disto procurei evidenciar ambiguidades e aproximações entre os significados expostos pelos sujeitos.

Palavras-chave: Antifascismo. Coletivos. Fascismo. Futebol. Movimentos de resistência.

ABSTRACT

In the present study I aimed to analyze the Botafogo, Flamengo and Fluminense Antifascist fan groups through reports by its members to understand their supporter identities and the existing meanings of anti-fascism and fascism in their narratives. To the completion of this work I did three interviews, with one member of each group, to collect reports of their experiences and practices. In addition, I conducted a bibliographic study within the areas of football, resistance movements and fascism and anti-fascism. Finally, I tried to show ambiguities and approximations between the meanings exposed by the subjects.

Keywords: Antifascism. Collectives. Fascism. Football. Resistance movements.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
1.1	Metodologia	13
1.2	Técnicas de Pesquisa.....	16
2	ANÁLISE TÁTICA.....	17
2.1	Dimensões do futebol no Brasil	20
2.2	Fascismo e Antifascismo.....	23
2.3	Contexto e surgimento na Europa	27
3	ESCALAÇÃO E VISÃO DE JOGO	31
3.1	Escalação: Botafogo, Flamengo e Fluminense Antifascistas.....	31
3.2	Esquema interno – 2013 como momento chave.....	34
4	TRIANGULAÇÕES.....	39
4.1	O torcedor antifascista de futebol.....	39
4.2	Os espaços que surgem entre as tabelas	41
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia deseja contribuir com os debates acadêmicos sobre o futebol, dentro do universo de estudos que relacionam tal esporte às suas implicações sociais, políticas e identitárias. Leva-se em consideração a enorme importância do futebol enquanto prática esportiva e, simultaneamente, manifestação cultural histórica e ativa na sociedade brasileira e carioca. Justamente por isso, outros assuntos para além dos noventa minutos de uma partida surgem com urgência de serem analisados.

Afirmar o caráter social e histórico do futebol, contudo, não significa ignorar a sua autonomia enquanto campo específico. O seu estudo, ao mesmo tempo em que não pode perder de vista a dimensão social, não pode soterrá-lo de estrutura, a tal ponto que não nos permita perceber a sua dinâmica específica, que sem dúvida não é a das classes sociais, do estado, das religiões, dos sindicatos ou dos partidos políticos. (RIBEIRO, 2007, p.100)

Na intenção de se pesquisar um assunto tão complexo e diversificado como o futebol deve-se ter a consciência de que se faz necessário levar em consideração uma análise de múltiplos contextos que atravessam e são atravessados pelos valores e sentidos imaginários e reais frutos do esporte da bola redonda e de seu universo. Esta pesquisa pretende colaborar e se apresentar enquanto mais uma obra que enfatiza a magnitude do futebol enquanto campo de grande relevância na sociedade. Ele é uma parte inserida em nosso dia-a-dia, em nossa cultura e em nossas formas e práticas de socialização e reflete questões econômicas, políticas e sociais do povo, talvez como nenhuma outra expressão social ou cultural no Brasil. É mais presente em alguns contextos e menos em outros, porém não se pode negar sua força e profundidade na cultura brasileira.

Entende-se aqui o futebol não somente como um jogo de bola, uma partida de noventa minutos mais acréscimos ou um esporte competitivo, porém como soma disso tudo e além, como um símbolo cultural de suma importância para compreender diferentes conjunturas da sociedade. Em adição a isso, apresenta-se enquanto uma área temática vasta, onde pode-se tomar como diretriz múltiplas frentes de análise e onde há uma intensa interrelação de assuntos como é o caso deste trabalho, onde serão discutidos surgimentos públicos de modos de torcer, identidades torcedoras, contextos políticos, movimentos de resistência torcedora e o conceito de antifascismo e fascismo, com o foco na sociedade brasileira e na cidade do Rio de Janeiro.

Estudar futebol, no Brasil, já é algo bem traçado dentro dos estudos acadêmicos sociais como um todo, mas não é tido como área de destaque. Já há uma recorrente tradição em analisar alguns aspectos relacionados ao esporte como a importância e o papel do futebol na sociedade brasileira (DaMatta, 1982; Damo, 2002; Filho, 2003; Guedes, 1998), as torcidas organizadas dada sua importância para o esporte e os clubes no país (Hollanda, 2008; Toledo, 1996), significados de identidade cultural e nacional (Guedes, 2009; Ribeiro, 2007; Rinaldi, 2008; Toledo, 2000), a relação entre o futebol e a mídia no país (Gastaldo, 2005; Helal, 2011) e estudos que abordam investigações sobre violência, sua produção e contenção e seu reflexo nos grupos sociais (Lopes, 2012; Murad, 2007).

Porém, essa tradição está migrando desde as últimas décadas do século XX. Nos últimos anos vem se tornando uma constante o aparecimento e a criação de diversos novos movimentos de torcedores de clubes de futebol, tanto no ambiente virtual – em plataformas e redes sociais – quanto no dia-a-dia real, em espaços ligados ao futebol brasileiro e carioca e relacionados a contextos políticos e sociais, seja nas ruas, em protestos, jogos ou na tentativa de surgimento e presença nos estádios e arquibancadas. Dentre essa gama mais nova de grupos de torcedores de diferentes clubes espalhados pelo país, pode-se identificar algumas características em comum como a postura mais voltada à esquerda política e ao campo progressista, o posicionamento em questões sociais e políticas e a tentativa de presença nos espaços ativos da sociedade por meio do contexto futebolístico e a postura de resistência ao que é chamado de futebol moderno (termo que abre uma série de discussões atualmente no mundo do futebol, mas que não será ponto central de análise aqui).

Dizer não ao “futebol moderno”, portanto, representa uma crítica à apropriação do futebol pela indústria cultural e sua adequação às demandas mercadológicas, assim como aos padrões da sociedade do espetáculo. Da insatisfação com o predomínio da lógica mercadológica e midiática, e seus possíveis efeitos negativos sobre a cultura torcedora, surgiu o slogan “Against the modern football” (Contra o futebol moderno) e na Itália o “No al calcio moderno”. (COSTA, 2020, p.1)

Muitos coletivos se divulgam enquanto grupamentos de torcedores que compartilham ideais semelhantes referentes às críticas ao esporte bretão, cada vez mais mercadológico, inacessível e elitizado; ao posicionamento contra preconceitos e discriminações de diversas naturezas dentro e fora dos estádios (não só no ambiente esportivo, mas repercutindo na vida em sociedade) e a posições políticas e partidárias de cunho mais social.

É o objetivo desta pesquisa mergulhar nesse recente universo de coletivos de torcedores - embora o assunto ainda seja um tanto quanto incipiente no Brasil – que trazem suas maneiras

particulares de torcer. Desta forma, aborda-se os coletivos antifascistas de três clubes¹ de futebol da cidade do Rio de Janeiro – Botafogo Antifascista, Flamengo Antifascista e Fluminense Antifascista - através de um estudo baseado em relatos de indivíduos que eram membros integrantes dos coletivos citados durante a época das entrevistas.

Pretende-se analisar aqui a identidade torcedora carregada e proclamada por estes sujeitos e pelos movimentos que se denominam enquanto coletivos antifascistas de futebol, seus significados de antifascismo e fascismo e a maneira pelas quais estes sentidos e narrativas criados se relacionam. Pode-se dizer que essa nova identidade sociopolítica e torcedora está tentando, assim como outros movimentos que não serão abordados, se fazer presente nos anos recentes, questionando as pautas dos universos futebolístico e político brasileiros.

De maneira inicial pelos capítulos, aborda-se a dimensão cultural e política do futebol no Brasil, enfatizando sua importância enquanto manifestação social potente de significados e realçando o caráter político do esporte. Em sequência, há uma apresentação dos conceitos de antifascismo e fascismo trabalhados aqui, fruto da extensa pesquisa bibliográfica realizada em cima de termos tão sensíveis. Há um embasamento teórico nos significados de fascismo por Jason Stanley² e Umberto Eco³, como tentativa de “elaboração” de um manual histórico do que seria a forma fascista e como ela se daria, e, recorrendo, igualmente, ao autor Mark Bray⁴ sobre o antifascismo histórico e o que seria a prática antifascista.

Posteriormente, há um esforço em situar os coletivos antifascistas com mais precisão realizando um levantamento histórico de experiências de torcidas antifas⁵ e outras experiências similares que solidificam a união entre política e futebol, na Europa e no Brasil. Entende-se que é importante estabelecer uma linha conceitual sobre as ideias trabalhadas e fazer este resgate de exemplos históricos que ajudaram a influenciar a união de antifascismo e futebol e o surgimento dos coletivos.

Quando comparado ao desafio de definir o fascismo, entender o antifascismo pode parecer uma tarefa fácil à primeira vista. Afinal, literalmente, é a simples oposição ao

¹ A primeira vontade deste trabalho foi de realizar um contato com membros dos coletivos antifascistas dos quatro principais clubes de futebol da cidade do Rio de Janeiro: Botafogo de Futebol e Regatas, Clube de Regatas do Flamengo, Fluminense Football Club e Club de Regatas Vasco da Gama. Todavia, em tentativas através das redes sociais Facebook e Twitter não consegui realizar contato com membros do coletivo Vasco Antifascista e por isto este trabalho de conclusão de curso se limita a estudar os três outros coletivos (Botafogo, Flamengo e Fluminense Antifascistas).

² Jason Stanley (1969) é professor de filosofia na Universidade de Yale.

³ Umberto Eco (1932-2016) foi filósofo, medievalista, semiólogo, crítico literário e midiólogo. Viveu parte da ditadura fascista de Mussolini na Itália da década de 1930.

⁴ Mark Bray (1952) é historiador dos direitos humanos, terrorismo e radicalismo político na Europa Moderna.

⁵ Neste trabalho quando for utilizada a abreviação “antifas” pretende-se referir a “antifascistas”.

fascismo. [...] No entanto, a redução do termo à mera negação obscurece a compreensão do antifascismo como um método de política, um lócus de auto identificação individual e de grupo [...] (BRAY, 2019. p.30)

É de extrema importância e prioridade afirmar que neste trabalho há um cuidado em se referir a fascismo não remetendo às experiências históricas, específicas e irrepetíveis do século XX. Não é de interesse da pesquisa afirmar ou levantar hipóteses de que a mesma configuração de Estado e regime fascistas vistos em países como Itália e Alemanha, entre as primeiras décadas do século passado, estejam se repetindo de maneira parecida no Brasil ou no Rio de Janeiro, ao pesquisar estes conceitos. Até porque “não há como transpor as experiências de outros locais para compreender o contexto brasileiro e suas lutas, pois existem especificidades na configuração dos governos e dos próprios movimentos de resistência a eles.” (BRAY, 2019, p.18)

Refere-se aqui muito mais sobre um caráter da suposta forma fascista, como um “processo de fascistização”⁶ ou uma retomada de aspectos próximos ao fascismo e as maneiras pelas quais certos atores se consideram distantes ou não deste caminho e como tentam definir isto, observando seus grupos, a si mesmos e a sociedade. Para isso, os dois primeiros autores mencionados, Stanley e Eco, auxiliam com grande contribuição na tentativa de caracterização de um certo e aproximado procedimento fascista, seja em instituições, seja no modo de agir e de se relacionar de grupos e indivíduos, seja no povo.

Em seguida deste início conceitual e histórico, o trabalho traz à luz os contextos sociais e políticos presentes no aparecimento dos grupos antifascistas de torcedores. Há uma alusão a influências internas no país e as vozes dos entrevistados começam a ganhar terreno para que seus sentidos comecem a ser introduzidos. Os três indivíduos mencionaram a época das Jornadas de Junho de 2013 como um período de importante valor simbólico, seja para o que se viu politicamente no Brasil após os protestos, seja para o próprio nascimento de alguns dos coletivos antifas. Por se tratar de um acontecimento recente e protagonista nacionalmente, é feita uma apresentação sobre tal momento e seus desdobramentos. Realizando-se esta passagem pelos cenários mencionados pelos entrevistados surge naturalmente um campo para a introdução de suas identidades e as maneiras pelas quais eles apresentam seus surgimentos e de seus agrupamentos, constroem suas narrativas simbólicas e políticas e como tentam definir e estabelecer suas identidades político-torcedoras. É feito um diálogo com o autor francês Luc Boltanski, resgatando ideias de justificação moral e a produção de significado como uma

⁶ É importante apontar que o termo “processo de fascistização” é identificado em Nico Poulantzas, filósofo grego (1936-1979).

posição nos espaços. Estes indivíduos e estes coletivos surgiram no Brasil de alguns anos atrás até hoje, se multiplicaram de maneira rápida – principalmente com a força das redes sociais –, proclamam suas identidades e as pautas que defendem e enfrentam diferentes realidades ao tentarem se fazer presentes em debates políticos e espaços ligados ao esporte, mesmo que ainda seja em grande parte no mundo digital.

Por fim, a monografia utiliza de um levantamento histórico acerca do tema e esse apoio conceitual para se fazer conversar com os entendimentos próprios dos coletivos antifascistas e seus sujeitos que foram entrevistados. Ao longo do trabalho as entrevistas e vozes dos torcedores ganham corpo, salientando o ponto central do trabalho: os pontos de aproximação e discordâncias entre os diferentes significados de antifascismo e fascismo trazidos pelas maneiras de se portar no mundo e torcer da Botafogo Antifascista, Flamengo Antifascista e Fluminense Antifascista. É importante dizer que ao invés de apontar verdades sobre o fascismo ou sobre o antifascismo e diferentemente de apresentar os sentidos obtidos a partir das entrevistas dos sujeitos como definidores de um todo, de todos os coletivos existentes hoje no Rio de Janeiro e no Brasil, preocupa-se aqui em explorar as contradições, ambiguidades e alinhamentos discursivos e teóricos entre o Botafogo, Flamengo e Fluminense Antifascistas, usando a base acadêmica mencionada como aporte conceitual e norteador de significados.

1.1 Metodologia

Nesta seção esclareço todo o percurso de pensamento e ação que guiou a pesquisa. Ao longo de quase dois extensos anos, desde que foi iniciada a disciplina de trabalho final, havia a certeza de se pesquisar dentro do campo geral do futebol, por se tratar de uma área de enorme interesse e aproximação pessoal. Percebo a metodologia enquanto uma explicação detalhada e meticulosa de todo o caminho de ação desenvolvido desde o início do trabalho de pesquisa, cobrindo todos os pormenores, intenções acadêmicas, autores, idas a campo e frustrações, todos ingredientes da escrita final.

Primeiramente a intenção era um estudo mais amplo sobre os movimentos antifascistas de torcedores de futebol, com foco na cidade do Rio de Janeiro, analisando suas identidades enquanto sujeitos e formas de torcer, abrindo margem para identificar de quais maneiras se faziam presentes e ocupavam os espaços públicos ligados ao esporte, deixando em aberto uma

investigação sobre a sensação de insegurança e/ou medo acerca de seus surgimentos públicos. Partia-se de um pressuposto de que essa era uma maneira nova de se torcer, ou então, uma nova forma de torcedores se portarem enquanto fãs de futebol e como um fenômeno que havia tido influências de experiências torcedoras vindas da Europa, e que diante dos contextos políticos em diferentes escalas no Brasil nos últimos anos, se deu de maneira bastante pungente nas redes sociais, tendo o meio virtual como primeiro espaço de exposição e até mesmo de vivência de coletivos de torcedores que se identificavam com pautas sociais e políticas específicas, campanhas e temas progressistas ou sob a bandeira de resistência a algum aspecto do futebol atual.

A partir disso, surgiu nesse primeiro momento, a ideia de entender quais identidades torcedoras eram essas e que significados possuíam com base em seus integrantes e atuações. Posteriormente, haveria uma análise sobre as maneiras pelas quais os coletivos antifascistas se faziam presentes nos espaços para além das redes sociais onde interagem. Um olhar em cima da presença pública desses atores e das estratégias e dilemas enfrentados por eles ao tentarem se posicionar em lugares como os estádios, arquibancadas, protestos políticos, cenários internos dos clubes e nos demais meios ligados ao esporte e à sociedade. O questionamento principal e o problema de pesquisa a priori se daria em avaliar uma possível produção social da insegurança e/ou medo de que esses grupos estivessem presentes publicamente. As relações entre essas identidades torcedoras, seu surgimento público e maneiras de se fazerem ocupantes nos espaços e as sensações de insegurança e medo social. Para isso, o trabalho conceitualmente se basearia no estudo das identidades, na comparação desse caráter torcedor com outros já tradicionais e estabelecidos, o modo de vivência e a noção de cidade e espaço público que se criara e na produção social do medo.

Contudo, com o desenvolvimento posterior do tema de pesquisa e em outras reuniões de orientação, houve uma mudança no rumo do trabalho. O interesse da presente monografia é analisar a identidade torcedora dos coletivos e como tensionam os significados de fascismo e antifascismo. Além disso com os modos se portar no mundo dos três grupos pesquisados, guiando-se a partir dos relatos individuais, coletados em entrevistas no ano de 2019, de sujeitos membros de cada um deles. Com isso, pretende-se compreender um pouco mais sobre o contexto e motivos de surgimento dos coletivos antifascistas, suas identidades e características e os sentidos e contradições presentes no debate entre antifascismo e fascismo, a partir das ideias desses conceitos reverberados pelos grupos. Os coletivos mencionados são o Botafogo Antifascista, Flamengo Antifascista e Fluminense Antifascista. Todos os três agrupamentos

vieram ao conhecimento do autor a partir das redes sociais, por conta da crescente divulgação que coletivos antifascistas de futebol começaram a ter a partir do ano de 2014 no Brasil, em redes como o *Facebook* e o *Twitter*, e por conta do interesse de estudo deste tipo de torcedores como um fenômeno social, político e esportivo.

Para Gibbons e Dixon a internet é uma extensão da vida cotidiana, sendo assim, as manifestações torcedoras expostas por esse meio não devem ser desconsideradas, pois estão anexadas a demandas do cotidiano do torcedor e do futebol. (COSTA, 2020, p.9)

Justamente por analisar o modo antifascista de torcer, abre-se espaço para a discussão do que se entende por antifascismo e, por oposição e lógica diretas, do que se compreende por fascismo, seja num levantamento histórico anterior, seja para os próprios coletivos. É essencial destacar aqui que o debate sobre fascismo já tem longa data e ainda assim é pouco consensual, pois trata-se de uma categoria deslizando, não sendo de fácil definição, e alvo de variadas discordâncias como será abordado no primeiro capítulo.

Interessa à pesquisa navegar por entre as percepções de fascismo e antifascismo dos entrevistados e, por consequência, dos grupos aos quais fazem parte, evidenciando vértices de aproximação entre as concepções conceituais de cada um dos atores e torcidas. Isso é importante para traçar hipóteses e ideias acerca do fenômeno dos coletivos antifascistas ao redor do Brasil, que na última década surgiu de maneira espalhada geograficamente, alcançando torcedores de clubes de diferentes regiões, e clubes de distintas proporções. Cabe a este estudo o empenho em situar esses sujeitos de maneira mais exata, de acordo com suas histórias particulares de pertencimento ao Botafogo Antifascista, Flamengo Antifascista e Fluminense Antifascista, e com seus significados. Para dar um recorte conceitual específico no trabalho, baseia-se a noção de fascismo, para auxiliar com a interpretação dos relatos, nos significados de Umberto Eco, em ‘O Fascismo Eterno’⁷, e Jason Stanley, em ‘Como Funciona o Fascismo’, e para a ideia de antifascismo utiliza-se o estudo de Mark Bray, em ‘ANTIFA – O Manual Antifascista’. Também é trazido à tona em algumas partes o autor e sociólogo francês Luc Boltanski ao se utilizar do conceito de justificação, fazendo paralelo com os modos de pensar dos atores e das torcidas.

⁷ O texto “O fascismo eterno” foi trazido pela primeira vez em 1997 como parte do livro “Cinco escritos morais”. Diz Eco (2019, p.5) “O fascismo eterno foi uma conferência [...] da Columbia University em 25 de abril de 1995, para celebrar a libertação da Europa. Foi publicada depois, em 22 de junho de 1995 [...] traduzida [...] como “Totalitarismo fuzzy e Ur-Fascismo”.”

1.2 Técnicas de Pesquisa

Para basear as reflexões sobre os objetos e enriquecer o estudo foi realizado um trabalho de campo no ano de 2019, com três entrevistas semiestruturadas com um membro integrante de cada coletivo especificado (que a pedidos dos mesmos não terão seus nomes identificados por questões pessoais)⁸. Considerou-se a prática da entrevista um recurso fundamental para a obtenção de dados e informações e necessária para abrir as provocações em cima dos significados expostos pelos coletivos.

As primeiras tentativas de contatos iniciais de abordagem foram realizadas através das redes sociais *Facebook* e *Twitter*, no ano de 2019. As entrevistas com os membros dos movimentos Botafogo Antifascista e Fluminense Antifascista foram feitas de maneira presencial, em conversas separadas nos dias 20 e 29 de maio de 2019 respectivamente, enquanto com o membro da Flamengo Antifascista ocorreu através da ferramenta digital *WhatsApp*, no dia 06 de maio de 2019. Houve uma linha de perguntas previamente elaborada, porém, as entrevistas foram conduzidas de maneira aberta.

Igualmente houve uma ampla observação das páginas de coletivos antifascistas de futebol que surgiram no cenário brasileiro em diversas redes sociais, principalmente pelo *Facebook* e *Twitter*. Por isso, também pode-se dizer que houve princípios de um estudo netnográfico, já que “a netnografia é uma forma especializada de etnografia e utiliza comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural na Internet.” (SILVA, 2015, p.339) Por fim, estudos a partir de matérias jornalísticas, sites, blogs e podcasts com ênfase no mundo esportivo e do futebol e a leitura de artigos e textos acadêmicos relevantes.

⁸ Quando for necessário na pesquisa mencionar trechos coletados nas entrevistas com os sujeitos integrantes será utilizado o termo “membro do coletivo” para se referir ao entrevistado.

2 ANÁLISE TÁTICA

É dado o apito, começa a partida.

Neste capítulo inicial utiliza-se o espaço destinado ao jogo de palavras – não o da bola - dentro das quatro linhas limitadoras das páginas – não as do campo – que compõem este trabalho de monografia para desenhar o panorama geral referente ao tema. Apresentam-se os contextos culturais e históricos, a relação genuína entre futebol e política, onde repudiam-se os gritos de despolitização, análise de influências e o debate em torno do que seria a forma antifascista, e por consequência, as noções de fascismo compreendidas dentro desta pesquisa. Utilizo esta primeira seção como a minha maneira de abrir o jogo e tentar clarear um pouco a visão do assunto, já que o futebol abre sempre discussões diversificadas e com vários desdobramentos.

Ao invés de dar a saída protocolar do meio de campo, recuo para o tiro de meta, para partir de um olhar mais amplo e geral, e afunilar depois avançando por entre as linhas laterais da discussão. Começo abordando a dimensão cultural do futebol pois, não apenas enquanto um esporte ou um jogo, representa uma manifestação sociocultural de peso na sociedade brasileira e é um campo potente de criação e transformação de subjetividades, identidades individuais e coletivas, significados e relações econômicas, sociais e políticas. O futebol não está à parte da sociedade, ele é mais uma face dela.

Exatamente por considerar o esporte enquanto mais uma das lentes que refletem nossa sociedade e vida em cotidiano, entra-se no debate sobre futebol e política. Este trabalho se coloca integralmente contrário a ainda existente noção de que “política e futebol não se misturam” e que “futebol é apenas descontração”. Afirma-se aqui o caráter político do esporte (de qualquer um) por se tratar de uma manifestação cultural de forte impacto e por se representar como um microcosmo da sociedade, não se caracterizando como algo à parte dela, sem sofrer influências de todos os aspectos que guiam a mesma. Se a sociedade é constituída de pessoas, de grupos que disputam lugares e posições econômicas, políticas e sociais, e se é construída a partir de laços políticos, logo o esporte e os diversos microcosmos que retratam a experiência social nada mais são do que reflexos da sociedade em que se vive e reprodutores de símbolos e

valores maiores, apresentando nuances diferentes próprias a cada particularidade de cada ambiente micro.

Além disso, através de exemplos históricos de associação do futebol ao nível da política institucional ou partidário, como em apropriações do esporte a partir de governos e a partir de grupos sociais. É necessário este posicionamento em tempos de tentativas de desmantelamento das visões políticas e de um futebol cada vez mais transformado em produto. Esta pesquisa preocupa-se, de forma geral, em esclarecer que desde os gritos de torcida, até as transformações do esporte e surgimentos públicos de maneiras de torcer tem suas motivações e consequências e são expressões de coletividade, que se sustentam na diversidade constituinte da vida na cidade e dos diferentes projetos de vida.

O futebol passou por inúmeras transformações em seus quase dois séculos de existência, e principalmente a partir de meados da segunda metade do século XX, onde tais transformações se deram em nível exponencial. Transições essas repletas de vieses e influências econômicas, mercadológicas, midiáticas, sociais e políticas, reforçando a dimensão multidisciplinar do esporte. Grande parte dessas transformações foi favorecida e catalisada pelo sistema econômico vigente e pela globalização cada vez mais crescente, pelo “histórico de mercantilização do futebol, principalmente a partir de sua midiaticização, que proporcionou a entrada sem precedentes de recursos.” (SANTOS, 2015, p.1)

A sua midiaticização foi responsável por uma abertura sem precedentes do jogo para o capital privado, transformando-o numa das mais potentes indústrias culturais, em todos os cantos do mundo, causando diversas mudanças na forma em que esse esporte é conduzido em suas instâncias diretivas e recebido pelos seus adoradores. (SANTOS, 2015, p.1)

O processo de mercantilização exacerbado e cada vez mais desenfreado desde as últimas décadas do século passado até hoje – sem previsão de apito final – mudou a cara do esporte e tem influências diretas em diversos lados, seja no campo, no jogo, na torcida, nos torcedores, nos estádios ou nos valores econômicos. Cabe lembrar que a partir da época em que o brasileiro “João Havelange assumiu o comando da FIFA, em 1974, houve uma série de parcerias para que o futebol pudesse romper mais barreiras geográficas e gerar mais lucro para os envolvidos com ele.” (SANTOS, 2013, p.93 apud SANTOS, 2014, p.9)

O jogo se transformou em espetáculo, com poucos protagonistas e muitos espectadores, futebol para olhar, e o espetáculo se transformou num dos negócios mais lucrativos do mundo, que não é organizado para ser jogado, mas para impedir que se jogue. (GALEANO, 2014, p.2)

Ao mesmo tempo e como uma resposta a todo esse processo de elitização e de transformação do esporte cada vez mais em um produto (e em exemplos mais vívidos: à retirada de torcedores de classes populares dos estádios, à arenização⁹ dos estádios e ao padrão FIFA e etc), “essa mercantilização agressiva impulsiona, de forma dialética, processos de resistência e de luta por direitos da parte dos torcedores” (SANTOS, 2015, p.2), destacando-se vários movimentos de torcedores da sociedade civil ao que se pode chamar de futebol moderno.

São iniciativas de torcidas e coletivos que surgem com a finalidade de resistir a essas mudanças no futebol, vistas como negativas, aliado ao tradicional apoio pelo clube do coração. É claro que não se pode esquecer de outro personagem importantíssimo, e que este trabalho faz questão de mencionar e reservar esse espaço, as torcidas organizadas clássicas. Desde a década de 1960, “quando são formados os embriões das torcidas organizadas propriamente ditas, com o advento das Torcidas Jovens, que cindiram a unidade interna das torcidas de cada time” (HOLLANDA, 2008, p.49) que havia até então, as organizadas se colocam como as precursoras de um aparecimento público de um modo de torcer característico e coletivo. Desde as décadas finais do século XX são tidas como alvo da mídia, órgãos de segurança e setores conservadores que perseguem as agremiações colocando-as como únicas causas da violência no esporte, embora possuam um papel cultural fundamental se caracterizando enquanto grupos sociais históricos e extremamente importantes para a construção dos imaginários simbólicos dos clubes e do esporte, para a relação de identificação dos sujeitos com os clubes e para o pulsar da arquibancada.

À esta perspectiva da importância e do peso cultural que o futebol possui, de seu caráter político e das transformações que o acompanharam nos últimos tempos, alinha-se, no 1º capítulo, o debate de fascismo e antifascismo, trazendo seus significados discutidos entre autores, as experiências antifascistas em contextos do esporte na Europa como uma base histórica de atuação e influência e prepara-se o terreno inicial para a discussão sobre o surgimento de tais coletivos antifascistas no cenário brasileiro.

⁹ Segundo Santos (2014, p. 1), “o processo de produção da Copa do Mundo FIFA 2014 trouxe grandes mudanças para o futebol brasileiro, principalmente ao exigir reformas estruturais nas mais relevantes praças desportivas locais, num processo que entenderemos como “arenização”.”

2.1 Dimensões do futebol no Brasil

Desde os primeiros passos do esporte no país, datando do final do século XIX, o futebol se instalou de forma definitiva no povo e seu processo de difusão e crescimento transcorreu de maneira acelerada. O futebol brasileiro nasce elitizado e praticado por clubes de homens de camadas econômicas mais abastadas. Mas, desde o início já se comportava como um fenômeno que ocupava as ruas das grandes cidades e atraía um certo público não pertencente às elites. A partir daí, à proporção de que grupos de camadas mais populares começam a praticar o esporte e fundar clubes, o futebol começa a se popularizar (SANTOS, 2014, p.5). Também é importante ressaltar o processo de forte e crescente industrialização das cidades brasileiras na virada do século XX, trazendo milhares de trabalhadores para o ambiente urbano.

No caso brasileiro compõem essa massa em busca de novos laços de identidades os negros recém-libertos do regime de escravidão, muitos brasileiros brancos empobrecidos que saíam do campo para a cidade em busca de empregos e por fim os trabalhadores europeus convidados a povoar o Brasil na virada do século [...] Na medida em que os clubes da elite passavam a aceitar trabalhadores braçais e negros em seus esquadrões, levando os gentlemen a assumir os cargos diretivos dos clubes, o público assistente também crescia em número, muitas vezes identificados com esses atletas de origem popular. Essa nova realidade vai levar a uma nova norma, que define espaços exclusivos para o jogo, e espaços reservados ao público espectador, fazendo assim e agora parte oficial do evento. (SANTOS, 2014, p. 5)

A adesão popular em níveis nacionais; a entrada de jogadores negros; o grande incentivo político por conta do projeto de unidade nacional que começara a ser construído na Era Vargas (1930-1945), elevando e consolidando o futebol, dentre outras representações culturais, a um patamar de símbolo nacional na tentativa de se criar uma identidade brasileira; e, acontecimentos como a profissionalização oficial do esporte em 1933 (SANTOS, 2014, p.6), e a primeira boa campanha, em resultados esportivos, da seleção brasileira em uma Copa do Mundo, em 1938, com o 3º lugar, criaram um cenário de forte crescimento à modalidade.

A partir das empreitadas do Estado brasileiro em criar uma simbologia de identificação nacional através do esporte – e da valorização do indivíduo enquanto sujeito esportivo -, da popularidade que o futebol obteve em diferentes camadas do país e do poder de influência simbólica que passou a desempenhar na sociedade brasileira tomou rapidamente proporções de instituição nacional e se estabeleceu enquanto manifestação social e cultural altamente relevante no Brasil. Dessa forma, as diversas dinâmicas e relações que o esporte compreende estão há bastante tempo entranhadas nas diferentes esferas da vida brasileira. Esta conexão que o esporte criou com o cotidiano brasileiro fez com que o futebol ganhasse o caráter de esporte

nacional e fosse completamente moldado pela cultura do país – e pelas culturas regionais – surgindo assim um jeito característico de jogo, de prática, de vivência do esporte e de torcer típico. “Nesse sentido, pode-se verificar que o futebol expressa a sociedade, pois o jogo está na sociedade tanto quanto a sociedade está no jogo.” (RINALDI, 2000, p. 171).

Em termos políticos, desde cedo o esporte mostrou-se um campo fértil por se tratar de uma manifestação com tamanha profundidade social, especialmente no Brasil. Política e futebol estão conectados desde a própria transição do mesmo de um caráter inicial de jogo elitizado para um esporte de massa e popular. Em tempos primordiais do esporte, o futebol era praticado apenas por uma elite rica e dominante, e com o tempo foi aderindo à entrada de operários e trabalhadores industriais. Com o passar do tempo e com uma adesão já crescente, a profissionalização do esporte se fez necessária, porém, assim como aponta Santos (2014), demorou a surgir justamente porque as camadas nobres da sociedade teriam que abdicar de operários trabalhadores que se dedicariam integralmente à nova profissão. Conforme o esporte vai crescendo em termos de relevância cultural e social, alcançando números maiores de pessoas, de diferentes classes, acaba-se transformando gradativamente num campo de interesses de diversas ordens.

Durante o século XX, o futebol passou por inúmeros contextos onde a natureza política se fez presente: proibição de atletas negros e atletas mulheres; alto crescimento do mercado futebolístico elevando os valores monetários e elitizando ambientes relacionados; políticos se elegendo na esfera partidária por seus trabalhos em clubes; confederações nacionais sendo descobertas em esquemas de corrupção; governos autoritários utilizando instrumentos de repressão contra torcedores; e segundo Gianordoli-Nascimento, Mendes e Naiff (2014) seleções nacionais sendo utilizadas como objetos de identidade e unificação nacional e apropriação de seleções e clubes por governos ditatoriais como forma de propaganda.

Na América do Sul como um todo, por exemplo, o futebol foi alvo direto de apropriação política por parte das ditaduras militares da segunda metade do século XX. A ditadura militar no Brasil (1964-1985) utilizou da seleção nacional, principalmente, na campanha da Copa do Mundo de 1970 como estratégia de propaganda do regime, beneficiando-se da oportunidade para promover o governo ditatorial por entre as peças de publicidade e aparições públicas junto ao time como forma de afirmação e união da boa campanha da seleção que fora campeã a um suposto bom andamento político do período.

Os anos 1970 foram uma época crucial para o futebol brasileiro e suas relações psicossociológicas, a partir de um intenso interesse político [...] Com a conquista do tricampeonato mundial em 1970, e a transformação da vitória brasileira, pelo Regime Militar em afirmação das possibilidades enquanto nação, houve a consagração do Brasil como o “País do Futebol” e como uma verdadeira “pátria de chuteiras”. Foi o auge do “pra frente Brasil” e “ame-o ou deixe-o”. (GIANORDOLI-NASCIMENTO; MENDES; NAIFF, 2014, p. 151)

Essa relação, por exemplo, da seleção brasileira com certo direcionamento político ainda é viva e se dá até os dias de hoje em manifestações de cunho conservador, e mais à direita do espectro ideológico, onde visualizam-se camisas da seleção brasileira como uma espécie de uniforme de identificação por um suposto bem-comum nacional. A partir de exemplos como esses, pode-se perceber que a nível macro e institucional esta interrelação entre futebol e política no Brasil é antiga e já bastante imersa.

Todavia, atualmente muito se diz sobre o lado da partidarização da política, sendo essa somente uma de suas várias facetas, desconsiderando-se processos sócio-históricos e níveis mais sensíveis e nuances mais particulares da política em si. É importante analisar os contextos políticos para além do grau nacional, percebendo suas atuações existentes dentro dos cotidianos e experiências das cidades, assim como investigando as circunstâncias onde o futebol e a política se perpassam nos ambientes urbanos e, neste trabalho, ajusta-se o foco para a cidade do Rio de Janeiro. Também se enxerga a cidade como campo de disputas vivas e segundo Barbalho (2009, p.1) como “espaço privilegiado de atuação dos sujeitos sociais.”

O futebol e a forma como ele se faz existir e se faz presente na cidade acaba alcançando as noções de “política” e de “político” (MOUFFE, 2001, apud BARBALHO, 2009, p.2), onde “político” seria a “dimensão do antagonismo que pode assumir muitas formas diferentes e emergir em relações sociais diversas” e “política” a “reunião de práticas, discursos e instituições que buscam estabelecer uma certa ordem e organizar a coexistência humana em condições que são potencialmente conflitantes”. (MOUFFE, 2001, p.417 apud BARBALHO, 2009, p.2)

Com o processo de transformações midiáticas e mercadológicas que o futebol (em todo o planeta) começa a passar a partir da segunda metade do século XX, o esporte acaba tomando outros tipos de relações sociais. Santos (2015, p.7) fala que “nessa altura se torna não só um produto em especial para os meios de comunicação [...], mas também na possibilidade de sua instrumentalização para fins políticos.” Ainda, cabe resgatar Bolaño (2008, apud SANTOS 2015, p.7) quando

destaca o duplo papel da indústria cultural enquanto propaganda e publicidade, numa chave que se adequa perfeitamente ao futebol. A propaganda seria a sua função ao poder do Estado - como se pode ver no Brasil nos anos de domínio autoritário do

Estado Novo e posteriormente do Regime Militar - que se destacaram pelo compromisso com a difusão do esporte, com formas o fomento da profissionalização, na construção de grandes praças desportivas, no subsídio aos ingressos populares, na capitulação política dos grandes atletas e na intervenção política das entidades, por exemplo. Num momento posterior, a função publicidade ganharia maior força ao fazer do futebol uma plataforma de difusão de marcas e mercadorias para o capital em concorrência, mobilizando recursos e pavimentando esse amplo arco de relações políticas e econômicas que o envolvem.

Este contexto do futebol moderno evoca a criação de torcidas e agrupamentos de torcedores que vão pautar esse arco de relações políticas e econômicas em seus modos de torcer e em suas maneiras de se fazerem presentes dentro do universo do futebol. A pesquisa traz à tona os coletivos antifascistas Botafogo Antifascista, Flamengo Antifascista e Fluminense Antifascista, com o recorte na cidade do Rio de Janeiro, como parte desses agrupamentos que se apresentaram nos últimos anos. Para tal, ainda neste capítulo, é necessário tentar esboçar uma compreensão acerca da origem e cenário de surgimentos dos grupos de torcedores antifascistas no continente europeu, como isso se encaixou no mundo do futebol e como posteriormente esta influência aflorou no Brasil a partir dos anos 2000, principalmente na década de 2010. Porém, anteriormente, deve-se fazer surgir os sentidos de antifascismo e fascismo nos quais o trabalho se apoia.

2.2 Fascismo e Antifascismo

Como forma de compreensão do antifascismo enquanto movimento político e forma de organização e resistência, aborda-se o estudo de Mark Bray em seu livro “ANTIFA – O Manual Antifascista”, que analisa o antifascismo no contexto europeu e norte-americano¹⁰ desde o período entreguerras na Europa até os dias atuais, para facilitar o entendimento de como seria um modo antifascista de ser. É importante compreender que o “antifascismo é uma tradição política legítima que se desenvolveu a partir de um século de luta global.” (BRAY, 2019, p. 28) Também é necessário identificar que as nuances do que seria tratado enquanto as práticas e vivências antifascistas dos coletivos pesquisados variam de acordo com as interpretações

¹⁰ Bray (2019) diz no livro que se ateve aos EUA, Canadá e Europa por questões de tempo. Mas, que ainda assim é essencial ressaltar o papel do antifascismo e de diversos grupos nos outros continentes em lutas globais no último século. “A minha escolha em omitir considerações sérias sobre esses grupos não deve ser interpretada como um deslize, mas sim como uma lamentável necessidade dada a falta de tempo e o fato de que, como historiador da Europa moderna, eu me volvei para os conhecimentos e contatos que já havia estabelecido antes.” (BRAY, 2019, p.42)

subjetivas dos membros que foram entrevistados, enquanto sujeitos individuais atravessados por contextos singulares.

Por ser uma categoria de recente aparição no Brasil – em níveis midiáticos - e ainda superficialmente de difícil conceituação, os sentidos de antifascismo presentes nas falas dos entrevistados precisam ser amparados anteriormente por uma pesquisa sobre os contextos de possíveis origens das torcidas antifascistas de futebol na Europa e sobre uma discussão inicial e fundamental sobre o fascismo.

Antes de analisarmos o antifascismo, primeiro devemos examinar brevemente o fascismo. O fascismo é, talvez, mais que qualquer outro modo de política, notoriamente difícil de definir. O desafio em definir o fascismo decorre do fato que ele “começa como um movimento carismático” unido por uma “experiência de fé” em oposição direta à racionalidade e às restrições padrões da precisão ideológica. (BRAY, 2019, p. 28)

Para debater fascismo e tentar chegar a uma maior compreensão conceitual sobre tal termo, esta pesquisa se debruça em diferentes autores se guiando em suas conceituações, cada qual com sua particularidade e vivência em tempos históricos diferentes. A monografia traz à tona o estudo de Umberto Eco (1932-2016), onde dentre outros escritos apresenta os catorze traços do fascismo sob sua visão realizando uma análise mais focada às experiências históricas, como na Itália fascista do século XX.

A despeito dessa confusão, considero possível indicar uma lista de características típicas daquilo que eu gostaria de chamar de “Ur-Fascismo”, ou “fascismo eterno”. Tais características não podem ser reunidas em um sistema; muitas se contradizem entre si e são típicas de outras formas de despotismo ou fanatismo. Mas, é suficiente que uma delas se apresente para fazer com que se forme uma nebulosa fascista. (ECO, 2019, p.44)

Ao mesmo tempo, a pesquisa utiliza como outra base o livro “Como funciona o fascismo”, do filósofo estado-unidense Jason Stanley, onde o mesmo apresenta sua teoria das dez características fundamentais identificadoras do fascismo. “O fascismo hoje pode não ter exatamente a mesma aparência que tinha na década de 1930, mas os refugiados estão novamente na estrada em todos os lugares.” (STANLEY, p.18, 2019)

É extremamente importante explicitar que o debate acerca do fascismo é muito amplo e já existe há aproximadamente cem anos (o período da Itália fascista começou em 1922 e foi até 1943). Diversas autoras e autores fizeram suas contribuições ao tema e ainda assim, o significado de fascismo pode ser considerado pouco consensual, abrindo margem para várias interpretações e naturezas de acordo com região, época e nuances locais.

Justamente por se tratar de uma categoria semântica deslizando e antiga faz-se necessário o apoio nesses autores para tê-los como base teórica do que seriam as formas antifascista e fascistas, para delimitar as conotações de fascismo com as quais este trabalho concorda e utiliza. Além de servir para analisar as respostas obtidas nas entrevistas, construindo diálogos em torno do conceito de fascismo, apresentando os sentidos de antifascismo dos coletivos botafoguense, flamenguista e tricolor.

Considera-se bem improvável que os significados apresentados pelos sujeitos entrevistados a partir de suas vivências e relatos sejam estritamente semelhantes aos conceitos apresentados pelos autores, e o objetivo não é apontar se as respostas obtidas em trabalho de campo estão certas ou não. De maneira contrária, pretende-se criar paralelos entre todos os significados levantados aqui, elaborando convergências e divergências entre os sentidos presentes nas falas dos membros dos coletivos antifascistas, explicitando o debate acerca das contradições, menos preocupado em ditar como correta alguma regra conceitual e política. Por último mas, não menos essencial, a utilização dos autores citados é fundamental para que não se corra o risco de afirmar que há uma repetição de um período e experiência históricos que não podem ser repetidos, já que todos eles concordam ao dizer que não é possível replicar as experiências históricas das mesmas maneiras como se deram, mas que simultaneamente, pode-se perceber em diferentes momentos certas atualizações do que significaria uma sociedade e/ou um contexto onde o desejo pela forma fascista se renova e ganha novos contornos.

Seguindo a lógica de que essa categoria política é de difícil conceituação, Umberto Eco concordava que o fascismo não era algo de fácil definição, com uma natureza clara e uma fórmula fechada de características que poderia ser vista se repetindo em diferentes ocasiões. Segundo Eco (2019, p.32) “o fascismo não possuía nenhuma quintessência e nem sequer uma só essência. O fascismo era um totalitarismo *fuzzy*¹¹. O fascismo não era uma ideologia monolítica, mas [...] um alveário de contradições.” É possível que haja a perpetuação de certos componentes e até mesmo, a variação de outras características intrínsecas que mesmo assim, estariam dentro do espectro fascista. Por isso, Eco (2019) tenta classificar o fascismo sendo entendido seguindo catorze princípios dentro de sua concepção, como: culto da tradição (não podendo haver o avanço do saber); irracionalismo e recusa da modernidade; culto da ação pela ação; aversão às distinções; racismo; apelo à frustração social; obsessão da conspiração e

¹¹ No livro “O fascismo eterno”, o autor coloca uma nota para este termo para designar conjuntos “esfumados”, de contornos imprecisos.

xenofobia; inimigos fortes e fracos demais ao mesmo tempo; vida para a luta; elitismo popular; culto ao heroísmo; machismo; populismo qualitativo e restrição do pensamento. Já Stanley (2019) constrói sua narrativa em cima do fascismo passando por dez pontos: passado mítico; propaganda; anti-intelectualismo; irrealidade; hierarquia; vitimização; lei e ordem; ansiedade sexual; apelos à noção de pátria e desarticulação da união e do bem-estar público. Por mais que criar um debate centrado nos tópicos acerca de fascismo para os autores não seja o foco do trabalho, é importante ocupar este espaço trazendo à tona e enumerando os itens componentes de cada conceituação sobre o tema para melhor elucidação dos fatos de acordo com cada condição histórica específica e entendendo que a política fascista pode se fazer presente de mais de uma forma.

Meu interesse neste livro está [...] nas táticas fascistas como mecanismo para alcançar poder. Quando aqueles que empregam essas táticas chegam ao poder, os regimes que eles praticam são, em grande parte, determinados por condições históricas específicas. O que aconteceu na Alemanha foi diferente do que aconteceu na Itália. A política fascista não conduz necessariamente a um estado explicitamente fascista, mas é perigosa de qualquer maneira. (STANLEY, 2019, p. 14)

Além de entender o fascismo enquanto uma forma de Estado, uma conjuntura política estatal ou um regime propriamente dito, nos moldes das experiências conhecidas do último século, pode-se abrir margem também para considerar uma outra interpretação do termo. Parece se destacar uma possível variância nos significados aos quais os sujeitos se apoiam para se referirem a fascismo. Talvez haja uma ambiguidade se estas referências - ao usar o termo - são feitas baseando-se nas experiências específicas e históricas do século XX, que seriam irreplicáveis, ou se remeteriam a uma noção mais ligada a certo processo de fascistização dos âmbitos institucionais, políticos e sociais. Como se fosse uma certa tendência a alguns traços parecidos a características fascistas, porém sem uma experiência estatal de fato, como na Alemanha ou Itália do século passado. Por meio das entrevistas pretende-se averiguar se há discrepâncias e/ou ambiguidades nessas alusões quando os termos antifascismo e fascismo são replicados.

É importante novamente ressaltar a natureza de difícil definição do termo e que essas etapas conceituais se dão a partir do que os autores identificam enquanto um modo fascista de funcionamento, seja como características de um governo, seja como traços percebidos numa sociedade. Com isso, retoma-se o ponto principal de compreender fascismo e fascistização a partir da maneira exposta pelos coletivos antifascistas de torcedores de futebol. Boltanski (1990, apud CAMPOS, 2016, p.720) “propõe que as críticas e denúncias realizadas pelos indivíduos

sejam levadas a sério e tomadas como objeto específico de estudo”, logo, a partir dos sentidos que os coletivos definem pretende-se fazer um diálogo com os conceitos teóricos aqui expostos.

2.3 Contexto e surgimento na Europa

Justamente pela necessidade de se tornar objeto de estudo as provocações levantadas pelos sujeitos, precisa-se abrir espaço para as justificações dos personagens entrevistados e o que eles defendem. Por isso é importante compreender um panorama histórico de surgimento e influências daquilo que os membros entrevistados chamam de antifascismo e como isso transcorreu no mundo do futebol até os dias atuais, entendendo as múltiplas concepções dos termos e diversidades de organização antifascistas.

Alguns antifas têm por foco destruir organizações fascistas, outros se concentram na construção do poder popular comunitário e na introdução da sociedade ao antifascismo através da promoção de sua visão política de esquerda. Muitas formações estão em algum lugar no meio desse espectro. (BRAY, 2019, P.33)

Assim como no Brasil, no continente europeu houve diversas experiências associativas torcedoras nas últimas décadas do século passado. Para analisar as experiências e identidades dos coletivos antifascistas no país, em específico os três grupos objetos do trabalho, é indispensável recorrer a uma pesquisa sobre os contextos torcedores da Europa, especialmente na segunda metade do século XX, que originaram e influenciaram outras experiências pelo mundo. A Europa acompanhou o surgimento de grupos como, por exemplo, hooligans e ultras. Estes, comumente conhecidos como grupos de torcedores bastante fanáticos pelos seus clubes e altamente presentes no cenário do futebol em vários países do continente, têm seu registro de surgimento mais aproximado em meados dos anos 60 na Itália – não há uma data certa consensual de nascimento – e até hoje são importantes atores no meio do futebol. Há uma grande diversidade de associações políticas por parte das torcidas europeias, variando entre os dois extremos dentro do espectro político.

Antes de explorar mais a fundo o surgimento dos grupos antifascistas é necessário apresentar um panorama sobre alguns acontecimentos no futebol europeu que vieram a acelerar alguns dos processos que mais impactaram o esporte a partir de então, trazendo mudanças primeiro no futebol inglês e que depois, com o passar dos anos e o sucesso monetário, vieram a ser padronizadas a nível global. Mudanças essas inicialmente nos modelos de estádios, mas que eventualmente catalisaram a elitização do futebol com aumento dos preços de ingressos,

perseguição de grupos sociais, forte entrada do setor televisivo no futebol, além de outras transformações que influenciaram a relação dos torcedores com o esporte. É importante entender este contexto como uma maneira de perceber o surgimento de torcidas politizadas e antifascistas diante de um futebol cada vez mais disputado pelo mercado e suas tendências políticas.

A “Tragédia de Hillsborough”, em 15 de abril de 1989, em jogo válido pelas semifinais da Taça da Inglaterra, entre Liverpool FC e Nottingham Forest, no Estádio de Hillsborough (em Sheffield, Inglaterra) onde 96 torcedores do Liverpool morreram e centenas de outros foram feridos por conta da superlotação. Tal acontecimento ocasionou a elaboração de um relatório técnico sobre o desastre que veio a ser utilizado pelo governo britânico da época, de Margareth Thatcher, como forma de promover e incentivar uma série de mudanças no esporte e na forma de torcer até então.

Acontece na Inglaterra, em 1989, quando do governo encabeçado por Margareth Thatcher aproveita a Tragédia de Hillsborough para aplicar políticas de reformulação estrutural dos estádios, de mudança do público torcedor e transformação dos clubes em empresas, num movimento de aplicação da doutrina neoliberal, da qual era partidária, no futebol. A escolha dos hooligans como causadores das mortes do evento de Hillsborough levou à formulação do Relatório Taylor, documento criado inicialmente para traçar diretrizes de segurança, mas que acabou servindo como manual utilizado em todo o mundo para o futebol: ingressos mais caros, cadeiras em todos os espaços, diminuição da capacidade dos estádios e proibição do comportamento efusivo pelos torcedores, que agora poderiam ser banidos. (SANTOS, 2014, p.9)

Posteriormente viu-se uma mudança grande na relação dos torcedores para com as partidas de futebol e a presença nos estádios. A partir desse contexto europeu, o cenário se colocava mais propício ao fortalecimento de coletivos torcedores que já existiam com forte atuação política e, também, ao surgimento de muitos outros que traziam seus modos de torcer claramente apoiados em bandeiras políticas. Além das identidades mencionadas anteriormente, como forma de mostrar parte do repertório torcedor naquele continente, pode-se destacar também na Europa o berço das experiências de torcidas antifascistas, que são o foco desta pesquisa.

Enquanto isso, na Europa, alguns dos mais ferozes conflitos antifascistas aconteceram no contexto do futebol. Embora diferentes equipes tenham tido suas próprias conotações políticas, religiosas e étnicas desde o começo do século XX, a relação do esporte com a política antifa moderna pode ser traçada a partir do final dos anos 70. Isso foi quando a Frente Nacional (NF) estava em plena ascensão na Grã-Bretanha e seus agentes tentavam recrutar pessoas durante os jogos. A Liga Anti-Nazista (ANL) – mais tarde Ação Antifascista – assumiu o papel de liderança na defesa contra a venda de jornais fascistas nos jogos; eles também organizaram grupos de apoiadores da antifa, como o Reds Against the Nazis, que era composto por torcedores do

Manchester United (os membros da Ação Vermelha eram em sua maioria esmagadora fãs do Manchester United). (BRAY, 2019, p.237)

Como exemplo mais conhecido nos dias atuais, inclusive de fama internacional, pode-se citar o clube FC St. Pauli (Hamburgo, Alemanha), como sendo um dos principais ícones progressistas dentro do futebol, com posicionamento político em diversas pautas sociais, dentro e fora do contexto do esporte, embora tendo uma maior importância mais como um símbolo, ícone a favor das lutas sociais do que de fato sendo ativo em mudanças estruturais no esporte a nível global ou na sociedade. É importante ressaltar que, assim como a grande maioria de associações esportivas, o clube não foi fundado com tais premissas políticas ou ideológicas, tendo essas pautas sendo aderidas por conta da participação dos torcedores ao longo dos anos.

Durante a mesma época, antifascistas, movimento de ocupação e autonomistas de Hamburgo, na Alemanha, oficialmente transformaram o FC. St. Pauli em talvez o time antifascista mais icônico do mundo. Localizado no meio do distrito da luz vermelha na cidade, perto de ocupações que enfrentavam batalhas para defender suas moradias no bairro de Hafenstrasse, o St. Pauli ficou imbuído de fomentar a contracultura e a rebelião do distrito, com seu famoso logotipo não-oficial de caveira e ossos cruzados. Em 1993, os torcedores do St. Pauli criaram a Associação de Fãs de Futebol Antifascistas e, posteriormente, participaram ativamente de outras iniciativas, como a criação de torcidas organizadas queers. Ao longo dos anos, os torcedores do St. Pauli estreitaram laços com torcedores antifas do Celtic, AC Bilbao, e de outros clubes para estimular uma cultura mais aberta de hooliganismo antifascista. (BRAY, 2019, p. 238)

É essencial lembrar que esse caráter não se estende de maneira integral a todos os torcedores desses clubes, porém são times de futebol que possuem setores antifascistas e tendências progressistas bastante numerosas em suas torcidas. Outros exemplos de clubes conhecidos com parcelas assim entre seus torcedores são Rayo Vallecano (Madri, Espanha), Olympique de Marselha (Marselha, França), Clapton FC (Londres, Inglaterra), Besiktas (Istambul, Turquia) e AS Livorno Calcio (Livorno, Itália). Exemplos como esses citados, em maior profusão na Europa desde algumas décadas atrás, acabam permeando clubes de cenários não tão expressivos esportiva e midiaticamente. Em sua maioria, a associação desses clubes com essas pautas se dá por conta de alguns grupos específicos de suas torcidas que se destacam pelos posicionamentos aliados ao antifascismo e não por conta de todos os fãs.

Existem clubes ao redor do mundo que têm sua história fortemente ligada a questões políticas e ideológicas o que, naturalmente, afeta os simpatizantes de tais times. Duas equipes exemplos disto, citadas em várias oportunidades pelas organizações antifascistas, são o St. Pauli, da Alemanha, e o Livorno, da Itália. No caso do time alemão há no próprio estatuto do clube, desde os anos de 1980, ordens antifascistas, antirracistas e antissexistas. Além disso, o time também organiza nas suas dependências recepções à refugiados. O St. Pauli é o clube com maior torcida feminina da Alemanha, mesmo sendo um clube modesto de segunda divisão. Já o Livorno é um clube italiano, nascido na cidade onde surgiu o Partido Comunista Italiano, que se notabiliza por ter uma torcida fanática e assumidamente comunista e que também repudia qualquer tipo de preconceito contra minorias. (SOARES e ZAGO, 2018, p. 4)

Tal contexto europeu de organizações antifascistas em algumas torcidas – ainda que não-hegemônico em âmbitos e escalas nacionais – também se faz compreensível por conta do histórico do fascismo enquanto política de Estado no continente no início do século passado, a partir da década de 1920, com maior destaque para a Itália fascista (1922-1943), a Alemanha nazista (1933-1945), e a Espanha franquista (1936-1975). E além desse caráter institucional do passado de alguns países, por conta de pautas sempre presentes no continente como por exemplo o contexto das imigrações e da xenofobia, sendo comumente amplificados a partir de organizações de extrema-direita, incentivando por outro lado gritos de resistências e organizações progressistas e de cunho antifascista em diversos setores da sociedade.

Como já mencionado anteriormente no trabalho, é extenso o envolvimento e a importância dos movimentos torcedores no futebol no Brasil. Desde a época de surgimento das torcidas organizadas clássicas, tradicionais, percebe-se a profundidade que as organizações de sujeitos em grupos torcedores é uma prática difundida no país. Porém, tendo em vista esse perfil específico analisado na pesquisa, dos coletivos e agrupamentos antifascistas, pode-se ver uma influência das experiências e processos de surgimentos de maneiras de torcer semelhantes que tiveram seu reflexo também no Brasil, mais recentemente nos últimos anos.

Justamente por isso, após explorar as dimensões culturais e políticas do esporte, os sentidos clássicos e históricos de fascismo e as influências externas de experiências similares na Europa, faz-se necessário identificar o contexto de surgimento desses coletivos antifascistas pesquisados na cidade do Rio de Janeiro, nos últimos anos. Igualmente investigar o cenário político e social brasileiro, focando-se na cidade carioca, no qual emergiram, abordando as concepções de fascismo e antifascismo levantadas pelos integrantes para elaborar um diálogo entre os diferentes sentidos que são evocados.

Dependendo dos contextos locais e da política, a Antifa pode ser descrita como uma espécie de ideologia, um tendência, ambiente, ou uma atividade de autodefesa. Apesar dos vários tons de interpretação, a Antifa não deve ser entendida como um movimento único. (BRAY, 2019, p.33)

3 ESCALAÇÃO E VISÃO DE JOGO

Após o primeiro olhar sobre as dimensões simbólicas, sobre os componentes socioculturais, históricos e políticos do futebol, de uma primeira discussão sobre os conceitos de fascismo e antifascismo e de experiências antifascistas outras, que serviram como influência e como tópico de importante embasamento para os coletivos brasileiros e para este estudo, é dada a hora de ajustar o foco. É preciso abrir a visão e olhar para o campo onde as dinâmicas da Botafogo Antifascista, Flamengo Antifascista e Fluminense Antifascista se fazem presentes. Para isto, é importante trazer exemplos associativos dentro do próprio país, inclusive mencionados nas entrevistas, e entender o cenário que se estabeleceu no Brasil (e mais precisamente no Rio de Janeiro) durante a época que os três entrevistados mencionam como uma espécie de marco narrativo que originou o berço dos coletivos antifascistas no Brasil, ou que apressou o surgimento dos mesmos, as manifestações de Junho de 2013. Simultaneamente, se debruçar nas próprias justificações morais e explicações dos sujeitos sobre o motivo de nascimento dos grupos e o porquê de suas atuações, além de tentar esboçar neste capítulo uma primeira tentativa de compreensão sobre estas identidades, havendo uma apresentação dos indivíduos a partir de trechos de suas entrevistas. Porquê e quando surgiram, como analisam o cenário que propiciou este surgimento e como se definem enquanto coletivos, a partir da ótica de três sujeitos membros dos grupos trazidos, tentando esclarecer que identidade torcedora é esta.

3.1 Escalação: Botafogo, Flamengo e Fluminense Antifascistas

Quando comparado ao desafio de definir o fascismo, entender o antifascismo pode parecer uma tarefa fácil à primeira vista. Afinal, literalmente, é a simples oposição ao fascismo. Alguns historiadores usaram essa definição literal e minimalista para descrever como “antifascista” uma ampla variedade de atores históricos, incluindo liberais, conservadores e outros que combateram regimes fascistas antes de 1945. (BRAY, 2019, p. 30)

Neste subcapítulo serão escalados os personagens que entram em campo com seu jogo de narrativas e será dada atenção às identidades dos sujeitos e coletivos antifascistas, às nuances de suas subjetividades torcedoras e políticas e às linhas discursivas que eles evocam. As

transformações midiáticas, mercadológicas, e seus vieses políticos (como já visto aqui no primeiro capítulo, a política é indissociável do esporte) às quais o futebol foi sendo introduzido, e a existência de diversas formas de segregação e extremismos ainda presentes na sociedade acabaram por incitar uma sensação de retomada da narrativa e espaço ligado ao torcedor de futebol, por um ambiente mais democratizado, livre de preconceitos e tendo seu caráter de importante manifestação sociocultural na sociedade evidenciado. Como relembra Campos (2016, p.724), “os indivíduos são vistos como dotados de uma enorme capacidade de julgar reflexivamente o mundo”.

Tivemos inspiração nos mais diversos movimentos espalhados pelo mundo, como os ultras antifascistas da Europa e nos irmãos da Ultras Resistência Coral, que combatem a elitização dos estádios e lutam contra o fascismo, o conservadorismo e todos os preconceitos (racismo, machismo, sexismo, LGBTQfobia, xenofobia e intolerância religiosa) e opressões (brutalidade policial), seja nas arquibancadas ou na ruas. (Trecho do Manifesto do Flamengo Antifascista)¹²

Como mencionado pelo membro da Fla Antifa, é válido ressaltar a importância e pioneirismo em território nacional da Ultras Resistência Coral¹³, torcida do Ferroviário Atlético Clube, do Ceará, de forte cunho político, encontrada sendo aludida em diversas pesquisas feitas durante a condução deste trabalho, como referência de torcida antifascista no Brasil. É tida como exemplo de coletivo de cunho e atuação antifascistas dentro e fora dos estádios e sugerida como o primeiro deles em âmbito nacional. Em concordância com Soares e Zago (2018, p.5), “o movimento das torcidas organizadas antifascistas no país começou em 2005, com torcedores do Ferroviário Atlético Clube, do Ceará, que formaram a “Ultras Resistência Coral”. Desde então, mais 44 organizadas autodenominadas antifascistas surgiram no Facebook.” É interessante reparar que o lema da Ultras Resistência Coral, tida como influência pioneira, é “Nem guerra entre torcidas, nem paz entre classes!” que pode ser encontrado nas páginas de redes sociais da torcida. No caso da Ultras, há uma clara autodefinição relacionando a torcida à classe operária.

A gente teve uma reunião no final do ano passado pra debater exatamente isso. A nossa constituição enquanto grupo mesmo. Qual nome nós levaríamos. É óbvio que a gente luta contra, mas a gente não tem como fugir do termo “torcida”, porque qualquer união de torcedores é uma torcida. Mas, a gente gosta de pensar que nós

¹² Enviado a mim pelo membro do coletivo em entrevista pelo WhatsApp.

¹³ Pode-se encontrar na página deste grupo na rede social Facebook a seguinte descrição: “A ULTRAS RESISTÊNCIA CORAL nasce da fundição da luta da classe operária com sua paixão pelo futebol, precisamente pelo FERROVIÁRIO ATLÉTICO CLUBE. Lutamos arduamente contra todas as mazelas do capitalismo, dentro e fora dos estádios. nossa torcida não é de meros espectadores de partidas de futebol e da luta de classes, somos expressão do que há de mais ativo nas arquibancadas e na luta operária. Nossa bandeira abriga todo(a)s o(a)s lutadore(a)s explorado(a)s e oprimido(a)s que encontram no Ferroviário um alento, não apenas para torcer, mas, sobretudo, para lutar por nossa causa. [...] Nem guerra entre torcidas, nem paz entre classes!” Disponível em: https://www.facebook.com/pg/ultrasresistenciacoral/about/?ref=page_internal. Acesso em: 21/09/2020.

somos um “Coletivo”. [...] Honestamente não sei qual é o surgimento. Eu cheguei na torcida através de um amigo. [...] data de 2015, 2016. [...] Acho que dá para dizer que nós somos um coletivo. (membro do Fluminense Antifascista)

Um ponto importante a ser realçado é logo a questão inicial sobre a definição da natureza dos grupos, seja enquanto torcidas, movimentos ou coletivos. O termo “torcidas” é comumente associado às organizadas clássicas, já mencionadas anteriormente, e que já possuem papéis antigos e tradicionais como personagens atuantes no cenário do futebol. Vale lembrar que mesmo com os coletivos antifascistas se apresentando como pontos de resistência atualmente a diversas pautas no esporte, elas não são as precursoras no Brasil na relação de grupos torcedores em questões sociopolíticas. Soares e Zago (2018) resgatam o exemplo da torcida Gaviões da Fiel na época da Democracia Corinthiana (no auge da ditadura militar), e pontuam que o diferencial do movimento das antifas atuais seria a incorporação do potencial comunicativo das redes sociais.

A página tinha sei lá, meses, menos de 6 meses de existência. Foi no começo de 2015 que eu entrei. [...] Mas a página surgiu e a ideia começou em pensar um futebol mais popular e tem várias pautas que por exemplo são coisas que a Fúria converge com a gente e apoia que é o horário mais acessível ao trabalhador [...] Ingresso a preço popular [...] E outras questões que aí tem bem mais resistência que é não ter grito homofóbico, grito racista, grito machista nos estádios que ainda é uma coisa muito forte, uma resistência muito forte é... mas, a gente começou com esses intuitos... reivindicar um futebol mais popular, um ingresso mais popular, enfim... ser um esporte mais acessível e democratizar as arquibancadas, só que tá sendo muito difícil organizar isso. [...] A gente se define como movimento, a gente não tem nenhum tipo de estrutura para ser uma torcida. (membro do Botafogo Antifascista)

Com esta clara distinção entre os termos que os sujeitos acabam preferindo por utilizar já pode-se perceber desde o início uma diferença crucial no que se refere à organização e protagonismo dos coletivos antifas, por conta de seu recente surgimento e da estruturação ainda inicial dos próprios grupos. Conforme visto nas falas dos sujeitos entrevistados nota-se uma forte ênfase em pautas identitárias e relacionadas ao combate a diversas formas de opressões. Há uma linha recorrente referente ao caráter popular do futebol e à luta contra a sua elitização, aliada a uma série de resistências contra todos os tipos de preconceitos presentes no futebol. Também, já pode-se traçar uma importante característica específica e diferença em relação às torcidas organizadas clássicas que seria o potencial que a internet e as redes sociais tiveram, e ainda possuem, com estes grupos antifascistas.

Flamengo Antifascista surgiu em 2014 após as jornadas de Junho, tá? Surgiu por conta... eu sou de torcida organizada, gostava do estilo Ultras, Hooligans e via que eles tinham envolvimento com torcida organizada também em alguns países, na Europa. Então, eu decidi, eu vi que tinha alguns clubes famosos, por exemplo o Livorno Antifascista entre outros né. Então eu criei, eu com um amigo. E Flamengo Antifascista se define como movimento antifascista dentro do Clube do Flamengo. É assim que a gente se define. (membro do Flamengo Antifascista)

3.2 Esquema interno – 2013 como momento chave

As Jornadas de Junho de 2013 pareciam um enigma. Nem a alta do dólar ou o aumento da inflação podiam ser o motivo decisivo das revoltas. Ao contrário, a perplexidade adveio da manifestação puramente política, ainda que detonada pelos aumentos de tarifas de transporte público. Elas baixariam em mais de cem cidades e, ainda assim, as manifestações prosseguiram. (Secco, 2013, p.71)

Em junho de 2013 houve no Brasil um período de constantes manifestações e protestos públicos que reuniram milhões de cidadãos às ruas reivindicando, com o desenrolar dos eventos, diversos gritos atravessados. O país passou por semanas de grandes atos em várias cidades com certo teor massificado de inquietação popular com algumas insatisfações políticas e sociais.

Porém, as Jornadas de Junho, se iniciaram com protestos de movimentos sociais específicos, como o MPL (Movimento Passe Livre), com certa presença de partidos e organizações da classe trabalhadora. O movimento começou com manifestações contra o aumento da tarifa dos ônibus na cidade de São Paulo e com o passar dos dias, muito por conta da truculência e violência excessiva de repressão por parte da polícia, o assunto ganhou amplitude e a atenção da mídia brasileira. Em questão de semanas, os protestos se alastraram por inúmeros locais e foram ganhando corpo em números de cidadãos e relevância em termos de cobertura jornalística e pressão política.

Megaeventos, meganegócios, megaprotestos. Não há como não reconhecer a conexão estreita entre os protestos em curso e o contexto propiciado pelos intensos e maciços investimentos urbanos associados à Copa do Mundo de 2014 e, no caso do Rio de Janeiro, também aos Jogos Olímpicos de 2016. De um lado, a repressão brutal e a rapidez com que a mídia e governos tentaram amedrontar e encurralar os movimentos deveu-se, ao menos em parte significativa, à preocupação em impedir que jovens irresponsáveis e "vândalos" manchassem a imagem do Brasil num momento em que os olhos do mundo estariam postos sobre o país, devido à Copa das Confederações. [...] Mais importante que a repressão, são as transformações que esses megaeventos imprimem em nossas cidades, assim como a própria concepção de cidade que eles expressam e atualizam de forma intensa. (Vainer, 2013, p. 37)

O Brasil estava num contexto bastante atípico e singular onde se apresentava em vias de sediar megaeventos mundiais em questão de poucos anos de diferença como a Copa das Confederações em 2013, Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos Rio 2016 e por isso, as tensões e atenções social, política e midiáticas se colocavam à prova. Especialmente na cidade do Rio de Janeiro, por se tratar da sede do evento olímpico, palco das finais dos dois primeiros campeonatos e cenário de grande alvoroço e impactos por conta das grandes obras

exigidas, quantias extraordinárias de dinheiro e conflitos urbanos envolvendo remoções de moradias de áreas próximas aos terrenos das instalações esportivas.

Os membros dos coletivos Botafogo, Flamengo e Fluminense Antifascista relataram que este período da história recente teve uma importância significativa nos rumos subsequentes da política brasileira e sua conjuntura atualmente e propiciou condições para agilizar os surgimentos de formas torcedoras espalhadas pelo país que já vinham se formando ou estavam prestes a se conjecturar.

Nascemos após as jornadas de junho de 2013, onde alguns dos nossos membros se conheceram nas batalhas travadas nas ruas. E devido à vontade de mudanças radicais na sociedade, decidiram criar o movimento Flamengo Antifascista. (Trecho do Manifesto do Flamengo Antifascista)¹⁴

Pode-se perceber que o trecho “batalhas travadas nas ruas” deixa evidente o tom de destaque que o contexto de junho de 2013 teve para a história narrativa dos coletivos e como ponto marcante de ebulição social de diferentes vontades de mudanças. Todavia, vale fazer a consideração de que os indivíduos atrelam a este período uma possível retomada ou ressurgimento de características ou traços de certa fascistização social a partir do imbróglio de diferentes pautas que acabaram por se atravessar e de certa maneira enfraqueceram os protestos, abrindo margem para esta possível retomada fascista, vista pelos coletivos. Surge neste momento, entre estes atores, uma percepção de estranhamento em relação ao estado democrático no país, ou a uma possível renovação de valores próximos ao espectro fascista.

Mas, em 2015, 16, surgiu por aí e obviamente como uma resposta ao crescente fascismo brasileiro né. Que surgiu muito em consequência de junho de 2013 que foi despolitizando a parada. Só que tudo que se despolitiza alguém vai fazer a cooptação dessa galera e o neofascismo brasileiro cooptou essa galera. E aí, na contramão dessas questões, as torcidas organizadas, de uma maneira na época muito pulverizada, começaram a encontrar pessoas com o pensamento muito próximo e se organizaram. (membro do Fluminense Antifascista)

É interessante notar que em relação aos surgimentos dos coletivos cariocas os entrevistados mencionam aproximadamente a mesma época com cerca de um ano de diferença entre eles. Os sujeitos evocam as circunstâncias trazidas a partir de junho de 2013 e seu momento político. De fato, há um marco traçado segundo o entrevistado que delimitaria uma retomada do fascismo no campo político no país pós junho de 2013, onde o movimento de manifestações teria perdido força e aberto espaço para que expressões políticas da extrema direita pudessem encontrar campo para se reapresentar. Conforme defende Eco (1997, p.50), “o Ur-Fascismo provém da frustração individual ou social. Isso explica por que uma das

¹⁴ Enviado a mim pelo membro do coletivo em entrevista pelo WhatsApp.

características típicas dos fascismos históricos tem sido o apelo às classes médias frustradas, desvalorizadas por alguma crise econômica ou humilhação política [...] o fascismo encontrará nessa nova maioria o seu auditório”.

Grupos conservadores se organizaram na internet para pegar carona nos atos. Lá chegando, colocaram as mangas de fora com suas pautas paralelas. Na convocação do sétimo ato (no dia 20), após a revogação da tarifa, isso ficou bem evidente. [...] Com um discurso superficial, que cola fácil, fez adeptos instantâneos. Engana-se, porém, quem afirma que essa era uma massa fascista e uniforme. Havia, sim, um pessoal de ultradireita, que enxerga comunismo em ovo e estava babando de raiva, louco para derrubar um governo. [...] A saída deles do armário e seu ataque a manifestantes ligados a partidos foi bastante consciente. [...] Mas um gigantesco grupo formado principalmente de jovens, precariamente informado, desaguou subitamente nas manifestações de rua, sem nenhuma formação política, mas com muita raiva e indignação, abraçando a bandeira das manifestações. A revolta desses contra quem portava uma bandeira não foi necessariamente contra o sistema partidário, mas sim contra as instituições tradicionais que representam a autoridade como um todo. (SAKAMOTO, 2013, p. 97)

Estabelecendo um consenso com esta tal revolta indignada sem direcionamento político específico, mas que almejava atingir as instituições sociais pode-se relembrar Stanley (2019, p.63) ao dizer que “a política fascista procura degradar e rebaixar a linguagem da política” e, até mesmo, um dos pontos definidores do espectro fascista proferido por Eco (2019) que seria o culto da ação pela ação, onde a mesma valeria por si própria, sendo justificada sua realização sem nenhuma reflexão. Tal natureza de parte dos protestos retoma igualmente a argumentação justificadora do membro do coletivo Flu Antifa quando o mesmo diz ter havido uma cooptação da massa manifestante por conta de uma despolitização pelo neofascismo brasileiro.

Ainda, em consonância com tal análise sobre o fascismo enquanto processo político e atuante em níveis massificados, há também uma instância relacionada à identidade, mais ligada aos indivíduos, tratando-se de uma sociedade em crise de identificação social, um processo no qual as identificações sociais não conseguem mais consolidar adesão, sendo o fascismo uma resposta a isso, ao absorver o discurso da ruptura (informação verbal)¹⁵.

É claro que, vale ressaltar, após o momento das jornadas de junho de 2013, o Brasil não entrou num período oficial reconhecido popularmente como fascista ou logo depois surgiu uma forma de estado tal. Porém, partindo das passagens dos entrevistados sugerindo que os momentos de formação de seus coletivos se deram pós-junho de 2013 julgou-se encaixar com o subsequente retorno de vozes da extrema-direita em anos recentes no país. Além disso, como

¹⁵ Fala do professor Vladimir Safatle (USP) no Minicurso "A economia libidinal do fascismo: problemas cruzados entre Bataille, Deleuze/Guattari e a Escola de Frankfurt" nos dias 20 e 21 de agosto de 2019 no auditório do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UnB).

dito anteriormente, não se encara o fascismo apenas enquanto regime ou experiência política de Estado, mas também a partir de um processo de “fascistização” ou de (re)incorporação de características conectadas a uma forma ou desejo fascista na sociedade.

É claro que os grupos conservadores mais radicais vão se aproveitar desse momento e botar lenha no descontentamento, apontando como culpados a classe política que está no poder. Flertam com ações autoritárias e, evidentemente, adorariam desestabilizar essas instituições. (SAKAMOTO, 2013, p.99)

Igualmente, tendo em vista que já haviam experiências torcedoras semelhantes, principalmente as referências de torcidas politizadas europeias e, inclusive, no Brasil, como é o caso da Ultras Ferroviário Coral, pode-se dizer que o período referido de 2013 talvez não tenha sido o embrião direto de germinação dos coletivos Bota, Fla e Flu Antifa, mas, por outro lado, tenha ocupado um papel fundamental de agilização de surgimento destes grupos de resistência. Muito mais como faísca catalisadora de processos que já vinham sendo identificados e analisados por grupos sociais e pessoas em comum dentro de torcidas de futebol, e que tiveram tal época como o momento potencializador que possibilitou posteriormente que diversos coletivos antifascistas pudessem aflorar. É importante analisar as variâncias e nuances da interpretação dessas lutas e vivências enquanto categorizadas como antifascistas, se se aproximam mais ou menos de uma noção comum e se acabam, na verdade, utilizando tal conceito histórico-político mas diversificando seu sentido em suas práticas, enquanto coletivos sociais, sob as vertentes de lutas pela defesa de identidades e democratização dos espaços, e menos um perfil de luta política de fato.

É interessante analisar, por exemplo, que boa parte destes sujeitos já trilhava trajetórias internas em outras torcidas e eram membros de outros agrupamentos, tendo no cenário pós-jornadas um contexto de maior identificação com o termo antifascista por uma série de questões que começaram a ser proclamadas em maior escala.

Mas, os movimentos antifascistas também... mas, as torcidas antifascistas, pelo menos no Rio, funcionam da mesma maneira. Ninguém é um torcedor só antifascista, geralmente a galera tem envolvimento, quer dizer, to generalizando... eu por exemplo hoje só tenho envolvimento com a Fluminense Antifascista. Mas, eu tenho um histórico de envolvimento com TO clássica. Hoje no nosso grupo, do Fluminense Antifascista, a gente tem gente da Garra Tricolor, da Fiel, da Sobra Nada, da Young, da Força e da Bravo. (membro da Fluminense Antifascista)

Levando-se em consideração o contexto histórico a partir de 2013, o cenário da cidade do Rio de Janeiro como palco de grande ebulição, as condições e panoramas iniciais apresentadas pelos entrevistados e suas proclamações de identidades, é necessário agora compreender como estes sujeitos e, por consequência, seus coletivos acabam desempenhando seus papéis enquanto torcedores e personagens que tentam se posicionar nas disputas pela

cidade, pelos espaços relacionados ao futebol e nas narrativas políticas. A necessidade que se apresenta é de relacionar e contrapor as interpretações de antifascismo entre os indivíduos trazidos pela pesquisa e como eles enxergam isto dentro de seus próprios coletivos e enquanto torcedores, entendendo que uma vez que o debate sobre fascismo é pouco consensual, igualmente será o de antifascismo, ainda mais dentro destes grupos.

4 TRIANGULAÇÕES

Após realizar um resgate inicial sobre as profundidades simbólicas do futebol, reafirmar seus laços estreitos com a política, uma pesquisa histórica e conceitual sobre o fascismo e as primeiras experiências torcedoras antifascistas na Europa, sua vinda para o Brasil, assimilando o cenário que incitou a modelar tais grupos e um pouco de suas autoafirmações identitárias já a partir dos relatos das entrevistas é preciso encarar as definições de antifascismo que são apresentadas. Dessa maneira, percorrer pelos vértices, pontos de aproximação e ambiguidades de suas atuações e identidades político-torcedoras antifascistas.

Novamente, nesta pesquisa não há uma pretensão em rotular uma declaração conceitual se estes sujeitos e coletivos são ou não antifascistas, se estão de acordo e cumprem à risca com as definições clássicas e acadêmicas de definição do fascismo ou se igualmente representam uma maneira de torcer válida e de acordo com as tendências torcedoras modernas. Não se captou as falas dos membros dos coletivos com o objetivo de legitimar a vivência dos mesmos, mas com a intenção de estudá-las como possibilidades de novas narrativas torcedoras, percebendo e interpretando suas próprias explicações, revelando suas ambiguidades e certezas. Assim como fala Campos (2016, p.720), “para entender os limites e as potencialidades da capacidade crítica dos atores, é preciso entendê-la não como premissa sociológica, mas como objeto de estudo sociológico.”

4.1 O torcedor antifascista de futebol

Seguindo Boltanski (1990 apud CAMPOS, 2016), ao dizer que o essencial é a forma pela qual os sujeitos justificam seus posicionamentos e atuações morais, como encontram sentidos de justificação em suas práticas, olha-se neste caso dessa identidade torcedora, as tentativas de se fazerem presentes e notados e nos ideais de antifascismo que os mesmos traçam com suas próprias vivências dentro de um contexto específico. Igualmente explorando as nuances entre os conceitos históricos dos quais os indivíduos se apropriam, entendendo os cenários trazidos e dando espaço para a maneira como cada um se define enquanto torcedor

antifascista de futebol na cidade e quadro político em que vivem - sendo essas componentes de suas visões de mundo - é interessante abordar também as formas pelas quais eles agem e os choques evidenciados pelos diferentes contornos que eles apresentam do significado de antifascismo.

Eu acho que quando você bota o futebol na expressão “sou um antifascista”, um “torcedor antifascista de futebol” ... eu gosto de partir da premissa de que eu tenho uma visão de mundo e eu tenho um local de ação. Minha visão de mundo é que a gente vive numa estrutura onde o fascismo é crescente de diversas formas e a maneira como esse fascismo se relaciona com o meio do futebol é o local onde eu vou me portar. (membro do Fluminense Antifascista)

Algo que se apresenta de maneira clara inicialmente e visto no último capítulo é que o surgimento dos coletivos Botafogo, Flamengo e Fluminense Antifascista não se transcorreu a partir de um caminho clássico de luta política, de fato, contra o fascismo histórico, contra partidos nomeadamente fascistas ou uma organização de Estado, mas mais por conta de uma conjuntura múltipla de fatores envolvendo o jeito como o futebol é vivenciado hoje, as tensões políticas e as diversas opressões sociais ainda presentes na sociedade. Relembrando o cuidado para não se afirmar uma repetição inviável das experiências históricas, é importante já realçar esta diferença, a forma que a utilização do termo acaba por tomar perante as práticas atuais destes coletivos e o caminho um tanto ambíguo para o qual acabam se dirigindo ao tentarem definir suas pautas e aquilo contra o qual estão se opondo.

É complicado né... a gente já teve essa discussão também se o nome antifascista é o nome mais adequado porque isso é até uma discussão conceitual da historiografia se o fascismo ainda existe né... Se o fascismo era um evento localizado naquele espaço-tempo histórico ou se o fascismo enfim continua por aí [...] Acho que não vou ser eu que vou resolver isso agora, mas a gente pegou esse nome que basicamente é um nome mais chamativo, é um nome mais impactante mas nosso pensamento é se opor ao conservadorismo nos estádios, se opor à exclusão socioeconômica que acontece pesadamente nos estádios. (membro do Botafogo Antifascista)

Percebe-se claramente neste caso que a utilização do termo “antifascista” se deu de uma forma um tanto mais estética, agregando diversos pontos de discurso dentro da mesma narrativa do antifascismo. Inclusive com o próprio reconhecimento do membro do coletivo afirmando que tal debate sobre o conceito histórico é deslizante, possuindo tempo e espaço bem definidos na História. Neste ponto, conforme Bray (2019, p.38), “o antifascismo no entre guerras diverge de maneiras importantes dos grupos antifas que se desenvolveram décadas depois [...] dada a magnitude da ameaça fascista, o antifascismo deste período era muito mais popular.”

Enfim, então acho que ser antifascista no contexto de torcedor antifascista é muito mais se opor a essa cultura de segregação que tem a diversas minorias dentro dos estádios do que de fato ser um antifascista como era nas brigadas internacionais italianas, é uma outra questão hoje em dia, é isso... tem que pensar se o nome é apropriado. (membro do Botafogo Antifascista)

Mesmo assim, o grupo se utilizou do termo para alcançar certa visibilidade e aglutina de maneira intencional dentro deste rótulo não o combate direto a um governo fascista, mas, uma miríade de pautas políticas tangentes ao lado progressista que perpassam o futebol e a sociedade atualmente. Pautas tais que não necessariamente tenham ligação direta com o assunto do fascismo em si, como agendas sobre mercantilização desenfreada do esporte, questões identitárias e outras. É interessante perceber que esses tópicos permeiam fortemente o discurso dos indivíduos entrevistados e são apontados como pontos principais, como objetivos primeiros a serem alcançados, como o fim das opressões a grupos sociais, da exclusão socioeconômica na sociedade como um todo, e principalmente entre os torcedores, e o resgate de um futebol mais popular e menos mercadológico. Ao mesmo tempo que é bom destacar que no próprio discurso há sim uma autocrítica presente e importante acerca da exatidão do nome que carregam e, que mesmo assim continuam por empunhá-lo fazendo com que a identidade antifascista dentro do contexto torcedor na cidade do Rio de Janeiro ganhe traços outros específicos, que os diferenciam da figura antifascista histórica. E realizam isso mesmo quando o tom discursivo se torna mais combativo, retomando um aspecto de maior enfrentamento e disputa políticos.

Antifascismo pra Flamengo Antifa é o combate ao fascismo. O quê é fascismo pra gente? É toda forma de opressão por ser de esquerda né, ter política progressista. Racismo, discriminação racial, discriminação política, é... homofobia. E... como é que se diz? Xingamento na arquibancada homofóbicos, é... contra mulheres na torcida. Torcedor antifascista atualmente é isso. É aquele torcedor que ele se bota em contrário a todo esse governo fascista que a gente tá passando, contra toda a homofobia nas arquibancadas, contra toda forma de discriminação. (Membro do Flamengo Antifa)

Apesar de todos eles reverberarem o discurso da luta contra o fascismo, não objetivam que forma fascista seria essa. Agregam diversas pautas dentro da mesma narrativa, expandindo o que se entende por fascismo dentro deste contexto. E também comentam mais sobre um retorno de um desejo fascista na sociedade, mais do que uma conjuntura fascista por definição.

4.2 Os espaços que surgem entre as tabelas

Há também que se destacar as disparidades para as próprias torcidas antifas europeias que serviram como influências anteriores. Não houve aqui um detalhamento sobre a história de cada organização europeia mencionada no segundo capítulo, mas os contextos locais que propiciaram a formação dessas torcidas desde as décadas finais do século XX tiveram suas características específicas e em muitas vezes já ligados a um cenário de luta política mais

definida, com movimentos e organizações políticas já atuantes publicamente contra grupos assumidamente nazifascistas e isso gradualmente encontrou espaço no futebol. Além disso, em pontos focais singulares e representativos como, por exemplo, o bairro de tradição operária como no caso do clube St.Pauli e na cidade de Livorno, onde já havia forte tradição comunista.

Em todos os casos, este surgimento de setores antifascistas no continente europeu, como foi visto, adveio de uma mistura de experiências de forte perseguição aos torcedores ultras e hooligans após a Tragédia de Hillsborough, das próprias transformações mercadológicas que o esporte sofreu primeiramente na Europa, forte presença de correntes de extrema-direita no continente e grande perseguição a imigrantes e, principalmente, ao histórico dos marcantes períodos de governos fascistas no continente. Este último fator por não ter ocorrido no Brasil a nível institucional oficialmente no século XX já cria certa distância entre as atuações de coletivos antifas estrangeiros e nacionais. Além do mais, foi interessante notar ao longo das pesquisas que a apropriação do termo “antifascista” para designar o grupo de torcedores é bem pouco comum entre torcidas de clubes europeus, sendo uma tendência no Brasil, corroborando com o fato mencionado pelo membro da Botafogo Antifa, da apropriação do termo com intenções mais generalistas voltadas à tentativa de se fazerem notados.

Também vale ressaltar os contrastes em relação à Ultras Resistência Coral, primeira torcida antifascista do país e mencionada como influência no surgimento de outras em terras brasileiras. Tal torcida e clube apresentam um forte lema e histórico ligados a causas e à classe operárias, fato que não é identificado de maneira tão evidente nos coletivos da cidade do Rio de Janeiro. Isso pode denotar uma disparidade de atuações e de práticas de acordo com o que se entende enquanto torcedor antifascista. Importante ressaltar que também não houve um estudo aprofundado sobre o cotidiano da Ultras Coral, não sendo este o objeto do trabalho, o que impossibilita comparações e assimilações em maior nível de especificidade.

[...] é uma coisa complicada né, definir quais são as pautas. Mas uma coisa que a gente deixou bem clara, é que não vai ser a Botafogo Antifascista um bastião de uma revolução socialista no Brasil. Nosso pensamento, o nosso local de ação a gente deixa bem claro que é a questão da discriminação dentro dos estádios e dentro do futebol. A gente evidentemente participou de outros movimentos porque, enfim, as condições do Brasil meio que obrigaram a gente [...], mas desde o princípio as nossas pautas são coisas dentro do futebol. E aí é isso, o que a gente pensa são basicamente esses dois eixos: democratizar o clube e democratizar a arquibancada, são espaços muito excludentes né. (Membro do Botafogo Antifascista)

Vale fazer a ponderação de que talvez para esses coletivos pesquisados os significados de antifascismo e aquilo que definem como fascismo não estejam tão esclarecidos ou então falte ainda uma organização maior desses grupos em uma linha discursiva mais definida e mais

objetiva, direcionada. As pautas mais explícitas são as maneiras de poder ocupar os estádios e os locais relacionados ao futebol e as recusas às opressões ainda evidentes no esporte – fruto de uma sociedade ainda bastante opressora com minorias políticas. Há ainda importantes desvios de condutas e de práticas atuantes entre os três coletivos, talvez por conta de estruturas internas ajustadas de formas diferentes, tamanho e popularidade de um grupo para outro ou por conta das próprias trajetórias individuais dos membros de cada coletivo antifa.

Nosso trabalho como antifascistas é atuar em todas as frentes para combater o fascismo e dialogar com a classe trabalhadora, seja em jogos, em eventos culturais, rodas de debate e de estudo, ações de panfletagem, aulas públicas e entre outros meios. Essa articulação visa expandir e fortalecer nossas frentes, seja em manifestações ou nos estádios, para combater as reformas que atingem direitos dos trabalhadores e torcedores, e combater as políticas que afetam o torcedor dos clubes de futebol, que deixam os estádios cada vez mais elitizados. (Trecho do manifesto do coletivo Flamengo Antifascista)¹⁶

Essas diferenças são evidenciadas quando se trata das maneiras pelas quais os coletivos tentam se fazer presentes e atuantes na sociedade e nos espaços públicos que tenham conexão direta com instâncias da política, com outras pessoas da classe trabalhadora ou com os setores ligados ao futebol. É possível perceber que há uma clara distinção na forma pela qual o documento de manifesto do coletivo do Flamengo tenta pontuar diversos espaços onde eles se fazem ocupantes para construir seus diálogos e narrativas torcedoras. Tentam articular em seu discurso diversos cenários da sociedade onde combateriam novamente as opressões aos trabalhadores e a elitização do futebol. Para destoar dessa visão mais externa de atuação, é essencial destacar o papel da internet como espaço potente de encontros, onde boa parte desses coletivos atua de maneira mais presente.

Você vai trabalhar dentro do estádio... Torcida Antifascista. Dentro do estádio, dentro da política do clube talvez e nos atos. São esses os poucos espaços que a gente tem pra... E a internet que é um espaço público. Por incrível que pareça, a internet é um espaço mais público do que os outros espaços que eu citei. A internet é muito mais aberta, mas em compensação ela é o lugar mais difícil pro debate. É onde o debate menos produz. Em compensação é onde a sua ideia vai mais longe. (membro do Flu Antifa)

Assim como defende Costa (2020), a internet potencializa a comunicação e, em grande medida, permite o surgimento de canais independentes de acesso e produção de informação e representação. As redes sociais foram o local de aparecimento midiático destes coletivos através de suas páginas em sites como Facebook na época pós-junho de 2013 e até hoje desempenham um papel de forte disseminação de suas vozes. Isto claramente se coloca como outro ponto de distanciamento das experiências antifascistas históricas, porém “mudanças culturais e avanços

¹⁶ Enviado a mim pelo membro do coletivo em entrevista pelo WhatsApp.

nas tecnologias de comunicação alteraram a forma como os antifascistas se organizam e se apresentam ao mundo.” (BRAY, 2019, P. 38) É essencial compreender o lugar que estas redes sociais tomam na existência dos coletivos antifascistas e o protagonismo que eles desempenham visto que os grupos ainda são pouco numerosos e possuem ações reduzidas de ocupação de espaços físicos. Ao mesmo tempo também é importante perceber que esta mesma utilização da internet como apoio já diferencia as práticas dos grupos antifas da cidade do Rio, onde o Flamengo Antifascista, a partir dos relatos do membro, apresenta-se de maneira mais combativa e presente em atos e o Botafogo Antifascista, também a partir do entrevistado, de forma um pouco menos organizada e mais dependente da atuação virtual.

é, as pessoas que vão ao estádio nem sabem que aquilo é um coletivo organizado [...] mas ainda uma falta de capacidade de se mobilizar... a gente ainda tá sofrendo muito com isso mesmo porque né, como qualquer um pode entrar na página, tem muita gente que entra e não se interessa exatamente, não participa ativamente então muito difícil organizar qualquer coisa [...] no mundo virtual é muito mais fácil... é porque tem vários movimentos e cada um surgiu de um jeito diferente, o nosso surgiu da internet. É isso, o cara criou a página, eu pedi pra entrar, ele botou várias pessoas que pediram pra entrar [...] então a gente tá tendo essa barreira de ser um movimento surgido na internet e conseguir atuar nas ruas mais eficazmente. [...] Não vamos conseguir fazer isso nas ruas, realmente não vai. O nosso grupo é muito restrito. (membro do Botafogo Antifascista)

A partir destes relatos acerca dos locais diretos de atuação dos sujeitos e de seus coletivos pode-se perceber de maneira mais evidente as ambiguidades que ainda existem dentro desse meio torcedor e que ainda compõem esta identidade torcedora. As trajetórias são distintas, assim como os lugares onde se portam e tentam atuar, as paixões esportivas e principalmente, de forma variante, os discursos que propagam, ainda com uma certa consonância política. Mesmo assim, todos se nomeiam como torcedores e coletivos antifascistas, carregando tal identidade. Com tantas visões particulares que formam suas narrativas e como ótica de análise às vivências dos coletivos cabe trazer Bray (2019) pois é essencial que os antifascistas desenvolvam uma compreensão precisa do fascismo e para isso identificar a relação entre dois pontos importantes do antifascismo: o registro analítico que consiste em mobilizar definições historicamente informadas sobre o fascismo para criar estratégias antifascistas adequadas aos desafios específicos de semblantes fascistas, e o registro moral, compreendendo como o fascismo se tornou um significante moral para designar uma variedade de opressões e os elementos que são compartilhados com o fascismo real.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto neste trabalho, o futebol se destaca na sociedade brasileira como uma manifestação cultural de extrema importância e profundidade cultural. Por conta disso não se pode negar sua natureza e caráter políticos que afirmam o esporte enquanto um campo ímpar para estudos. Desde os exemplos trazidos no primeiro capítulo que ligam o futebol aos níveis institucionais da política, as mudanças econômicas que sofreu e transformações sociais que catalisou ao longo das décadas, até o surgimento de novas maneiras de torcer e múltiplas identidades torcedoras reivindicando seus espaços é indiscutível o teor político que se faz presente.

Nas últimas décadas acompanhamos o aceleramento de um futebol mais midiático, mais atravessado pela lógica econômica e menos acessível. Porém, de maneira reativa e extremamente importante também presenciamos o surgimento de diversas formas de resistência personificadas em coletivos e torcidas. Nesta monografia tentou-se destacar a importância dos coletivos antifascistas de futebol, com um recorte para três grupos da cidade do Rio de Janeiro, que com sua identidade torcedora tentam pautar um esporte mais acessível, democrático e popular. Além disso, estes coletivos trazem em suas vivências e posicionamentos uma narrativa politizada bastante pungente e evidenciada defendendo pautas de cunho político na sociedade e já deixam isto claro a partir da própria maneira pela qual se identificam, torcedores antifascistas. O trabalho percorreu exemplos de origens desta identidade torcedora nas últimas décadas do século XX na Europa e tentou mostrar as fundações práticas de luta e identificação antifascista que essas experiências tiveram.

A partir de um embasamento teórico no conceito de fascismo foi possível identificar que ainda é um tanto complicado abordar tal tema sem correr o risco de deslizar em seu significado pois as aplicações e apropriações do termo após as experiências fascistas históricas o carregam com diversas novas conotações. E, por isso, da mesma forma que ter o cuidado para não afirmar uma repetição histórica era preciso, também foi necessário compreender as atualizações deste significado em cada cenário particular. Soma-se a isso o apoio ao antifascismo histórico e às nuances que as práticas antifascistas apresentaram ao longo do século passado até os dias atuais, compreendendo que o Botafogo, Flamengo e Fluminense

Antifascista tentam hoje carregar esta identidade a partir de seus próprios sentidos. Justamente por isso, foi importante analisar estas experiências a partir dos relatos das vivências dos sujeitos que se dispuseram a serem entrevistados, contribuindo para o trabalho.

A partir das narrativas dos integrantes foi possível compreender um pouco mais das suas identidades torcedoras. Desde a influência do cenário político de junho de 2013 onde houve um período de ressurgimento de certo espectro de fascistização da sociedade, segundo os entrevistados, contribuindo para agilizar a onda de surgimento de vários coletivos de resistência; até as influências que são mencionadas, como os movimentos de torcedores na Europa; as maneiras pelas quais eles afirmam suas pautas; e, como se aproximam e igualmente se distanciam sob o mesmo cunho antifascista.

Existem diferentes perfis dentro do corpo daquilo que chamamos de “torcida do clube”, e entender isso se faz muito importante para introduzir a discussão sobre a formação dos movimentos de torcedores. Esses diferentes níveis ou padrões de comportamento entre um indivíduo e um clube podem coexistir de infinitas formas dentro de uma mesma instituição, e se mostram em constante mutação. (SIMÕES, 2017, p.214)

Este trabalho foi mais uma fonte a comprovar que há uma multiplicidade de formas torcedoras, cada uma com suas justificações morais. No caso dos coletivos analisados, os torcedores aglomeram em seus discursos diversos gritos que são atravessados pela mesma classificação política e identitária, a de antifascismo. São pautadas as múltiplas opressões – de inúmeras naturezas - presentes no futebol e na sociedade, de maneira geral, as transformações que o esporte sofreu, que geraram impactos negativos segundo os coletivos de resistência, e os cenários políticos atuais da cidade e do país, que os grupos também tentam endereçar em suas vozes se posicionando contra temáticas conservadoras.

É nítido que os coletivos antifascistas percebem e pontuam de forma essencial que o futebol, assim como todos os esportes, não está à parte da vida em sociedade e não deve ser tratado em um universo isolado, pois diretamente reflete o cotidiano e é produzido pelos ambientes econômico, social e político de onde pertencem.

Esta identidade político-torcedora faz surgir novas formas de se tentar compreender o que é o fascismo e antifascismo. Porém, é importante pontuar que esses sentidos diversificados entram em choque entre um coletivo e outro fazendo com que seja um pouco ambíguo de entender contra o que eles estão posicionados, visto que há uma grande quantidade de pautas, diferenças nos jeitos de atuar nos espaços digitais e reais, e visto que não especificam de maneira objetiva uma forma fascista a qual se oporiam. Embora essas ambiguidades criem uma

dificuldade para a própria atuação dos coletivos e principalmente para a sua organização enquanto movimento de resistência é válido reafirmar que são atores em busca de definirem seus lugares na luta política e no mundo.

A monografia aponta que essas ambiguidades são um desafio a ser contornado e que a identidade torcedora antifascista poderia se fortalecer ainda mais a partir de uma maior organização e união de ações e pautas entre diferentes coletivos de diversos clubes. Por fim, atesta-se que os coletivos antifascistas são um caminho para um futebol mais democrático e que é importante que continuem tentando se posicionar como área de vanguarda na luta contra diversas opressões e contra a retomada de um desejo fascista na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [PCESP Podcast #11]: Anatomia do fascismo. Entrevistados: Tatiana Poggi e Demian Melo. Entrevistadores: Renata Aquino e Diogo Salles. Professores Contra o Escola Sem Partido, 15 nov. 2018. **Podcast**. Disponível em: <https://profscontraoesp.org/2018/11/15/pcesp-podcast-11-anatomia-do-fascismo/>. Acesso em: 22 mar. 2020.
- BARBALHO, A. Apresentação: O papel da política e da cultura nas cidades contemporâneas. **Políticas Culturais em Revista: Dossier - Cultura e Cidade**, [s. l.], v. 2, ed. 2, p. 1-3, 2009. DOI <http://dx.doi.org/10.9771/1983-3717pcr.v2i2.4268>. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/4268/3136>. Acesso em: 6 out. 2020.
- BRAGA, J. L. M. As Torcidas Uniformizadas (Organizadas) de Futebol no Rio de Janeiro nos anos 1940. **Esporte e Sociedade**, v. 5, n. 14, 2010.
- BRAY, M. **ANTIFA: O manual antifascista**. 1ª. ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2019. 392 p. ISBN 978-85-69536-50-5.
- CAMPOS, L. A. Qual capacidade crítica? Relendo Luc Boltanski à luz de Margaret Archer. **Soc. estado.**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 719-740, Dec. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922016000300719&lng=en&nrm=iso. Acesso em 05 set. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69922016.00030008>.
- CARVALHO, A. As torcidas antifascistas de Salvador. **Ludopédio**, São Paulo, v. 120, n. 30, 2019. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquivancada/as-torcidas-antifascistas-de-salvador/>. Acesso em: 2 jul. 2020.
- COSTA, L. M. da. QUEM DIZ NÃO AO FUTEBOL MODERNO. JUVENTUDE, MÍDIA, CONTRACULTURA E IMAGENS DA RESISTÊNCIA. In: HELAL, Ronaldo; MOSTARO, Filipe. **NARRATIVAS DO ESPORTE NA MÍDIA: REFLEXÕES E PESQUISAS DO LEME**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020. v. 1, p. 92-108. Disponível em: https://docplayer.com.br/107310812-Quem-diz-nao-ao-futebol-moderno-juventude-midia-contracultura-e-imagens-da-resistencia-nao-ao-futebol-moderno-no-brasil.html#show_full_text. Acesso em: 8 jul. 2020.
- DAMATTA, R. Antropologia do óbvio-Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista Usp**, n. 22, p. 10-17, 1994.
- DAMATTA, R. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. 4. ed. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. 124 p. ISBN 1409000001.
- DAMO, A. S. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002. 159 p. ISBN 8570256353.
- ECO, U. **O Fascismo Eterno**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019. 64 p. ISBN 978-85-01-11615-4.
- FAVERO, P. M. **Os donos do campo e os donos da bola: alguns aspectos da globalização do futebol**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/D.8.2010.tde-08032010-115743. Acesso em: 2020-06-12.

FILHO, M. **O Negro no Futebol Brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. 360 p. ISBN 8574780960. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/biblioteca/o-negro-no-futebol-brasileiro/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

GALEANO, E. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2014. 296 p. ISBN 978-85-254-3141-7.

GASTALDO, É. L. *et al.* Futebol, mídia e sociabilidade: uma experiência etnográfica. **Cadernos iHU ideias**, v. 43, p. 1-20, 2005.

GIANORDOLI-NASCIMENTO, I. F.; MENDES, B. G.; NAIFF, D. G. M. “Salve a seleção”: ditadura militar e intervenções políticas no país do futebol / “Save the Brazilian Team”: Military regimen and political intervention in “soccer country”. **Psicologia e Saber Social**, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 143-153, jul. 2014. ISSN 2238-779X. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/12211>. Acesso em: 10 out. 2020. doi:<https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2014.12211>.

GIGLIO, S. S.; SPAGGIARI, E. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, n. 163, p. 293-350, 2010.

GUEDES, S. L. Discursos autorizados e discursos rebeldes no futebol brasileiro. **Esporte e Sociedade**, v. 6, n. 16, p. 2011, 2010.

GUEDES, S. L. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de. **História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. 1. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2009. v. 1, cap. 15, p. 453-480. ISBN 9788571399891.

GUEDES, S. L. **O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro**. Niterói: EDUFF, 1998. 136 p. ISBN 8522802564.

HELAL, R. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. **Comunicação, Mídia e Consumo**, [s. l.], ano 8, v. 8, ed. 21, p. 11-37, 2011. DOI <http://dx.doi.org/10.18568/cmc.v8i21.208>. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/208>. Acesso em: 3 mar. 2020.

HOLLANDA, B. B. B. de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)**. Orientador: Margarida de Souza Neves. 2008. 771 p. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/biblioteca/o-clube-como-vontade-e-representacao/>. Acesso em: 4 mar. 2020.

LOPES, F. T. P.; HOLLANDA, B. B. B. de. “Fútbol moderno”: la ideología, los sentidos y las disputas en la apropiación de una categoría futbolística. **Revista de Estudios Brasileños**, [S. l.], v. 5, n. 10, p. 159-175, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/reb/article/view/154329>. Acesso em: 10 mai. 2020.

LOPES, F. T. P. **Discursos sobre violência envolvendo torcedores de futebol: ideologia e crítica na construção de um problema social**. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, University of São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/T.47.2012.tde-13072012-103725. Acesso em: 2019-11-12.

LOPES, F. T. P. Futebol, ideologia e cultura de massa: repensando a perspectiva crítica. **Triade: Revista de Comunicação, Cultura e Mídia**, v. 4, n. 7, 15 jun. 2016.

LOPES, F. T. P. AS ARTIMANHAS DA RESISTÊNCIA TORCEDORA: FUTEBOL, LINGUAGEM E PODER. *Logos*, [S.l.], v. 25, n. 1, fev. 2019. ISSN 1982-2391. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/35230>. Acesso em: 10 fev. 2020. doi:<https://doi.org/10.12957/logos.2018.35230>.

LOPES, F. T. P.; HOLLANDA, B. B. B. de. “Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. *Tempo*, Niterói, v. 24, n. 2, p. 206-232, Ago 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042018000200206&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 mar. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/tem-1980-542x2018v240202>.

MARICATO, E. *et al.* **Cidades Rebeldes**: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. 1. ed. São Paulo: Boitempo : Carta Maior, 2013. 112 p. ISBN 978-85-7559-341-7.

MEDEIROS, M. A ascensão das torcidas antifascistas no futebol brasileiro: A resposta à falta de tolerância no país já conta com coletivos progressistas de pelo menos 28 times nacionais. *VICE*, 2017. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/vb458j/a-ascensao-das-torcidas-antifascistas-no-futebol-brasileiro>. Acesso em: 05 dez 2019.

MINICURSO "A economia libidinal do fascismo" - Parte 1. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (1h19min52s). Publicado pelo canal Grupo de pesquisa Afetos e Política. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vR2ubjJwPg&t=1s>. Acesso em: 10 ago. 2020.

MINICURSO "A economia libidinal do fascismo" - Parte 2. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (1h44min24s). Publicado pelo canal Grupo de pesquisa Afetos e Política. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=35eV18pyzyo&t=4440s>. Acesso em: 12 ago. 2020.

MINICURSO "A economia libidinal do fascismo" - Parte 3. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (1h31min03s). Publicado pelo canal Grupo de pesquisa Afetos e Política. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5zfrqTyZIXI&t=3498s>. Acesso em: 18 ago. 2020.

MINICURSO "A economia libidinal do fascismo" - Parte 4. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (1h12min45s). Publicado pelo canal Grupo de pesquisa Afetos e Política. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=arcuFQZ_Ckw&t=2678s. Acesso em: 20 ago. 2020.

MURAD, M. **A violência e o futebol**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. 196 p. ISBN 8522505993. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/biblioteca/a-violencia-e-o-futebol/>. Acesso em: 3 dez. 2019.

NUMERATO, D. Who Says “No to Modern Football?” Italian Supporters, Reflexivity, and Neo-Liberalism. *Journal of Sport and Social Issues*, [s. l.], v. 39, ed. 2, p. 1-19, 2014. DOI 0.1177/0193723514530566. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.964.5768&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 9 abr. 2019.

PINTO, M. R.; BONFIM, A. “PELO DIREITO DE TORCER”: A EXPERIÊNCIA DE GRUPOS E COLETIVOS DE TORCEDORXS DE FUTEBOL CONTRA A CULTURA DE QUE FUTEBOL É “COISA PRA MACHO”. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11& 13th Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, p. 1-13, 2017. DOI 0.1177/0193723514530566. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1500050043_ARQUIVO_Texto_completo_MM_FG_30.06.2017_final.pdf. Acesso em: 9 set. 2019.

- POULANTZAS, N. Sobre o impacto popular do fascismo. **Cadernos Cemarx**, Campinas, SP, n. 12, p. 173-188, 2019. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/11321>. Acesso em: 13 nov. 2020.
- RIBEIRO, L. C. O futebol no campo afetivo da história. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 99-111, dez. 2007. ISSN 1982-8918. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2851>. Acesso em: 12 nov. 2019. doi:<https://doi.org/10.22456/1982-8918.2851>.
- RINALDI, W. Futebol: Manifestação Cultural e Ideologização. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 11, ed. 1, p. 167-172, 6 jun. 2008. DOI 0.1177/0193723514530566. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3804/2618>. Acesso em: 10 nov. 2019.
- RODRIGUES, F. X. F. Futebol e teoria social: uma introdução à sociologia do futebol brasileiro. **Ciências Sociais Unisinos, Unisinos, São Leopoldo-RS**, n. 160, 2002.
- SAKAMOTO, L. Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram às ruas. In: MARICATO, E. *et al.* **Cidades Rebeldes: passe livre e manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo : Carta Maior, 2013, p. 95-100
- SALAZAR, I. Futebol, nacionalismo e antifascismo. **Ponto Urbe: Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, São Paulo**, ed. Ponto Urbe 22. Dossiê Etnográficas: Judith Butler no Brasil, p. 1-4, 15 ago. 2018. DOI <https://doi.org/10.4000/pontourbe.4011>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/4011#quotation>. Acesso em: 11 fev. 2020.
- SANTOS, A. D. G. dos; SANTOS, I. S. da C. Economia Política e Estudos Culturais: discussão teórica e uma proposta de pesquisa para o futebol. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, [s. l.], v. 18, n. 1, p. 53-68, janeiro/abril 2016. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/4628>. Acesso em: 4 mar. 2020.
- SANTOS, I. S. DA C.; HELAL, R. G. Do espectador ao militante: a torcida de futebol e a luta pelo direito ao estádio e ao clube. **Triade: Revista de Comunicação, Cultura e Mídia**, v. 4, n. 7, 15 jun. 2016.
- SANTOS, I. S. da C. Mercantilização do futebol e movimentos de resistência dos torcedores: histórico, abordagens e experiências brasileiras. **Esporte e Sociedade**, v. 11, n. 27, p. 1-18, 2016.
- SANTOS, I. S. da C. O público dos estádios: marcos históricos da atual elitização e arenização do futebol brasileiro. **XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – João Pessoa - PB – 15 a 17/05/2014**, João Pessoa - PB, p. 1-15, 2014. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-0817-1.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2020.
- SANTOS, I. S. da C. **“O PÚBLICO QUE DEVEMOS ABOLIR”**: A ELITIZAÇÃO DO FUTEBOL BRASILEIRO E AS NOVAS ARENAS. Orientador: Profa Dra. Verlane Aragão Santos. 2014. 92 f. Monografia (Curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo) - Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/biblioteca/o-publico-que-devemos-abolir/>. Acesso em: 1 mar. 2020.

SANTOS, I. S. da C.; SANTOS, A. D. G. dos. Democracia torcedora versus Vantagens consumistas: uma análise da associação clubística em tempos de futebol-negócio. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 246-261, jul. 2018. ISSN 2176-8943. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/74084>. Acesso em: 12 Mai. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.74084>.

SANTOS, I. S. O futuro da torcida: midiaticização, mercantilização do futebol e resistência torcedora. **XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015**, Rio de Janeiro, p. 1-15, 09 2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1020-1.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2020.

SANTOS, M. S. dos; DIAS, G. P. Futebol, capitalismo e pós-modernidade: de consumo da arte a arte do consumo. **Filosofia e Educação**, Campinas, SP, v. 2, n. 2, p. 281-296, 2010. DOI: 10.20396/rfe.v2i2.8635505. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8635505>. Acesso em: 13 abr. 2020.

SECCO, L. As Jornadas de Junho. In: MARICATO, E. *et al.* **Cidades Rebeldes: passe livre e manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo : Carta Maior, 2013, p. 71-78

SILVA, S. de A. Desvelando a Netnografia: um guia teórico e prático. **Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 339-342, Dec. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-58442015000200339&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 4 mar. 2020. <https://doi.org/10.1590/1809-58442015217>.

SIMÕES, I. **Clientes versus Rebeldes: Novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, Junho 2017. 336 p. v. 1. ISBN 978-85-5996-566-7. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/biblioteca/clientes-versus-rebeldes/>. Acesso em: 5 nov. 2019.

SOARES, A. R.; ZAGO, L. F. Páginas das torcidas organizadas antifascistas no Facebook: política, futebol e comunicação. **41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Joinville - SC – 2 a 8/09/2018**, Joinville - SC, p. 1-13, 09 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1125-1.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2020.

SOARES, A. R.; ZAGO, L. F. Sócrates como conexão: futebol e política em páginas de torcidas Antifascistas de futebol na rede social Facebook. In: **XX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL – PORTO ALEGRE - RS – 20 A 22/06/2019**, 2019, Porto Alegre - RS. **Artigo [...]**. Porto Alegre: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2019. p. 1-11. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-1576-1.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2020.

SOBREIRA, V. Coletivos e movimentos de torcedores pautam política e futebol nos estádios: Nos últimos anos tem crescido o número de organizações que buscam fazer a disputa ideológica nas arquibancadas. **Brasil de Fato**, 2017. Disponível em: <https://www.brasildefatope.com.br/2017/07/11/coletivos-e-movimentos-de-torcedores-pautam-politica-e-futebol-nos-estadios>. Acesso em: 05 dez 2019.

SOBRINHO, T. M.; MARRA, A. V.; SOUZA, M. M. P. de. Identidade e futebol: um estudo sobre membros de uma torcida organizada. **Ciências Sociais Unisinos**, Unisinos, v. 54, ed. 1,

p. 49-59, janeiro/abril 2018. DOI <https://doi.org/10.4013/csu.2018.54.1.05>. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2018.54.1.05. Acesso em: 22 nov. 2019.

Som das Torcidas: SDT Na Bancada #23 Hillsborough 30 Anos. Entrevistado: Gilmar Mascarenhas. Entrevistadores: Gabriel Brito, Irlan Simões e Matias Pinto. Central 3, 15 mai. 2019. **Podcast**. Disponível em: <http://www.central3.com.br/sdt-na-bancada-23-hillsborough-30-anos/>. Acesso em: 01 mar. 2020.

STANLEY, J. **Como Funciona o Fascismo**: A política do "nós" e "eles". 3ª. ed. Porto Alegre: L&PM Editores, agosto 2019. 208 p. ISBN 978-85-254-3820-1.

TEIXEIRA, R. da C. Futebol, emoção e sociabilidade: narrativas de fundadores e lideranças dos movimentos populares de torcedores no Rio de Janeiro. **Esporte e Sociedade**, v. 8, n. 21, p. 1-16, 2013.

TOLEDO, L. H. de. **Lógicas no Futebol**: Dimensões Simbólicas de um Esporte Nacional. Orientador: Professor Doutor José Guilherme Cantor Magnani. 2000. 348 p. Tese (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo) - Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/115801_Tese_completa.pdf. Acesso em: 14 nov. 2019.

TOLEDO, L. H. de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996. 178 p. ISBN 8585701196.

ULTRAS Resistência Coral. [S. l.], 31 jul. 2005. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/ultrasresistenciacoral/about/?ref=page_internal. Acesso em: 21 set. 2020.

VAINER, C. Quando a cidade vai às ruas. In: MARICATO, E. *et al.* **Cidades Rebeldes**: passe livre e manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo : Carta Maior, 2013, p. 35-40